

O Odisseu

ISSN 2966-0262

Vol. 4/ N 26/ Dezembro de 2025



A rua é um chamado!

O espaço urbano entre contradições e maravilhas.

Esse microespaço onde a vida luta e comemora -

Tiago D. Oliveira escreve sobre "Ladeira da Preguiça", de Evanilton Gonçalves + **Fotos de Davi Boaventura.**

Miró quase pronto e vestido de afetos -

Cristiano Ramos escreve sobre "Estou quase pronto", biografia de Miró da Muribeca de Wellington de Melo.

O voo do Daemon sobre a cidade de "Paranoia" -

Antonio Atruda nos leva a um passeio por São Paulo na companhia de Roberto Piva.

O olhar do Albatroz -

Edição é atravessada por fotografia de rua de Guilherme Boldrin.



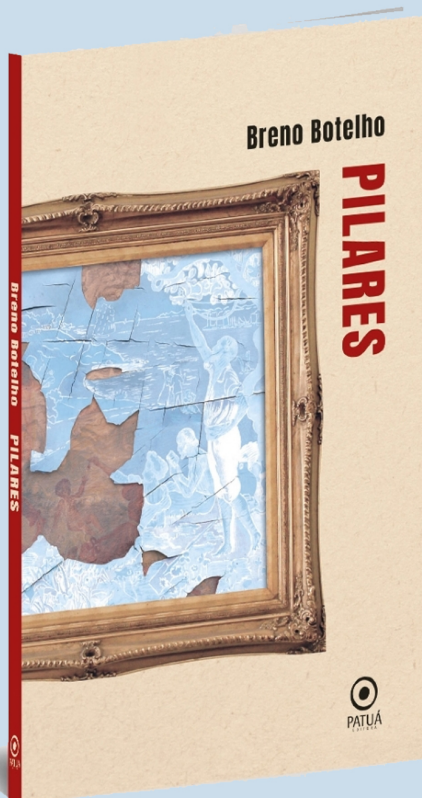
O olhar do Albratroz

Fotos de Guilherme Boldrin ilustram o número 26 da O Odisseu.

No meio tempo entre escrever contos excelentes (como os que podem ser lidos no volume de contos "O cuidado dos sonhos" (Cachalote), abrir jogo de tarot, tocar violão e trabalhar com audiovisual na cidade mágica de Cachoeira (Recôncavo Baiano), Guilherme Boldrin, antropólogo de formação (UFSCar) fotografa a rua. Suas fotos, assim como os seus contos, evocam algo que está além da paisagem. Do cotidiano da rua, surge um olhar perturbador que parece indicar uma catástrofe vindoura. Cavalos no meio da madrugada entre sacos de lixo em Cachoeira. O descascar de uma pintura em uma parede revela um piso anterior que parece guardar segredos. As fotos de Boldrin parecem dar conta de captar "falhas na matrix" da vida que ocorre nas ruas. São lembretes que o insólito não é tão surreal assim. Invade aquilo que entendemos por "normal". Não poderia haver melhor trabalho artístico para ilustrar essa edição.



Ewerton Ulysses Cardoso
Editor da O Odisseu e curador do n26 da O Odisseu



“Toda boa história começa com uma mentira, e assim se faz uma Nação”

Conheça "Pilares", obra de estreia de Breno Botelho, um romance que costura presente e passado numa saga irresistível. Acesse o QR Code e saiba mais!



Sumário

Caderno 1 - Ítaca

[EDITORIAL] - Pra Rua Me Levar: A Rua é um convite
Ewerton Ulysses Cardoso - p. 3

[POESIA] - Tingido
Lucas Litrento - p. 4

[CRÍTICA] - Esse microespaço onde a vida luta e comemora (crítica de “Ladeira da Preguiça”)
Tiago D. Oliveira + Fotos por Davi Boaventura - p. 5

[CRÔNICA] - Não é possível dançar tango descalça
Viviane Ka - p. 9

[CRÔNICA] A rua que desaprendi
Maurício Mendes - p. 10

[POESIA] Diadorim
Lucas Litrento - p. 12

[CRÔNICA] O voo de Daemon sobre a cidade de “Paranóia”
Antonio Arruda - p. 13

[CRÔNICA] Pedra-Nascença
Rita de Podestá - p. 15

[CONTO] Balada de São Jorge
Guilherme Boldrin - p. 18

[CRÍTICA] O sonho hipster de uma geração (Crítica de “Procura-se um sofá”, de Fernando Baldan”)
Ewerton Ulysses Cardoso - p.20

[ENTREVISTA] “A vida também é uma tensão de linguagem”
Nilson entrevista André Capilé - p. 30

[CRÍTICA] Miró quase pronto e vestido de afetos (Crítica de “Estou quase pronto”, de Wellington de Melo)
Cristiano Santiago Ramos - p. 22

[CONTO] Ruas Flutuantes
Myriam Scotti - p. 24

[FICÇÃO] Caminho de ida
Ana Gábri - p.26

[POESIA]
Lucas Litrento - p. 47

Caderno 2 - Odisseia

[Crítica] - A arte de narrar (Crítica de “Concatenação”, de Diogo Santiago)
Ewerton Ulysses Cardoso - p. 29

[ENTREVISTA] - Um Bildungsroman pra chamar de nosso
Ewerton Ulysses Cardoso entrevista Vitor Kappel - p. 30

[CRÍTICA] - Volteios ancestrais que pediram nomes (crítica de “Fabiane Albuquerque”)
Douglas Sacramento - p. 33

AGRADECIMENTOS E EXPEDIENTE
p. 36



Caderno 1

Ítaca

Foto de Guilherme Boldrin

EDITORIAL

Pra rua me levar: a rua é um convite



Ewerton Ulysses Cardoso é editor-fundador da revista O Odisseu, designer e pesquisador em literatura.

Andando pelas ruas de Salvador, com meus 18 anos, calouro num curso de comunicação, visitando museus. A rua de uma cidade grande, para interioranos como eu, era um sonho. Especialmente a rua de uma cidade como Salvador, onde há tanta arte, tanta música, mas também tanta profanação, tanta miséria, tanta história e crueldade. Olhava tudo com um assombro maravilhoso. Ao mesmo tempo em que me assustava, me interessava. Me interessava pelos ombros nus dos homens na Barra, pelas indumentárias e balangandãs das sacerdotisas, pela carroça de madeira em que o morador de rua carregava material reciclável. O cheiro irresistivelmente perigoso da cannabis no terraço do cinema Glauber Rocha, as escadarias que eu não sabia onde me levariam. Como um arqueólogo, olhava a cidade viva como se em ruínas, investigando a antiga civilização que ali morou. Como um antropólogo, observava minuciosamente o comportamento daqueles que, mais livres que eu, viviam a vida de desejo.

Caminhando contra o vento
sem lenço sem documento
no sol de quase dezembro
... Eu vou!

(Caetano Veloso - "Alegria, Alegria")

A rua sempre foi tema da literatura mundial. É incontornável falar da figura do flâneur vagabundo de Baudelaire, investigando a vida urbana, e que ganha, em Benjamin, uma síntese interessante:

A rua se torna moradia para o flâneur, que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. Que a vida, em toda a sua

diversidade, em toda a sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo: eis o pensamento político secreto da escritura de que faziam parte as fisiologias (Walter Benjamin em "Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo").

Em contraposição à crítica inteiramente pessimista de Adorno e Horkheimer à indústria cultural, Benjamin conseguiu reconhecer na modernidade o ganho da democratização da arte e a possibilidade de viver a cidade. E vivê-la é atravessá-la, é ver a vida acontecendo. Podemos pensar nesse andarilho baudelaireano, mas também de Harold Bloom, de Ulysses, de Joyce, caminhando pelas ruas da cidade e evitando o contato com a casa, o lugar em que teria que encontrar Molly, sua esposa, e confrontá-la quanto à traição que ele já sabia.

Claro, a rua não é tão democrática assim. As mulheres, por exemplo, não viveram a rua como os homens. Enclausuradas em seus apartamentos, muitas não tinham sequer acesso às janelas, uma vez que essas poderiam despertar o perigoso desejo de vida. Não por acaso, a figura da mulher à janela é tão recorrente na literatura mundial, como no conto Antes do Baile Verde, de Lygia Fagundes Telles, em que Tatisa observa, da janela, a movimentação do carnaval com o desejo de romper aquela casa escura e mórbida, em que seu pai está morrendo, para ir viver o perigo e o delírio da rua na festa da carne. Talvez por isso histórias como as de Clarissa Dalloway, de Mrs Dalloway (Virginia Woolf) são tão poderosas. Ao decidir, ela mesma, comprar as flores, Clarissa também rejeita o lugar da mulher em casa: irá à rua.

Já no lado de cá, nos trópicos, a rua é quase sempre sinônimo de subversão. A rua sempre foi o lar dos vagabundos, das putas, dos sodomitas, aqueles que não pertenciam à norma moral pré-estabelecida. Não por acaso o mestiço João do Rio se interessou tanto pela vida urbana da capital nacional, à época o Rio de Janeiro, descobrindo os cultos aos orixás, a perversão sexual, a sujeira e a violência. Luís Antônio Simas diz que João do Rio observava todo o caos da rua com um assombro e excitação ao mesmo tempo. Queria fugir, mas também queria ver. O hipnotizava. Como a primeira



EDITORIAL

vez que fui ao carnaval à noite. Subindo da praça Castro Alves pela Rua Chile em direção ao Pelourinho altas horas da madrugada. O som da música ainda vibrando no corpo, a miséria humana apresentada nos catadores de latinha, nos bêbados caindo e vomitando, nos beijos e no sexo explícito a quem quisesse ver.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. (João do Rio).

Só podia ser mesmo o negro João do Rio a perceber isso. Na herança afro-iorubá, no Candomblé brasileiro, por exemplo, a rua é o lugar de Exú, orixá responsável pela comunicação. É na rua que está a encruzilhada para Exú: esse lugar de dialogia, comunicação entre os diferentes, encontros, tão bem sintetizado pela professora mineira Leda Maria Martins:

O termo encruzilhada, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos. (Leda Maria Martins em Afrografias da Memória).

Não por acaso, no Rio de Janeiro, à esquina dos Arcos da Lapa, está a figura do Zé Pelintra ilustrado na parede. A esquina, este lugar também de comunicação. Zé Pelintra, uma das representações de Exú.

A rua é esse lugar da confusão, mas também do direito. Um lugar que nos têm sido roubado por conta da violência urbana, por conta do controle do Estado, mas ainda assim um convite.

POESIA

Tingido

Lucas Litrento. Da série “Tapera”

deus nos vomita coração nos vomita
breu nos cobre nesse caminho lodo
todo lado é lado esbarrando na morte
atravessamos feito marca de nascença
rápido jus ao nome que nos deram
embora pudessem nos chamar cavalos
raiz de arbusto ou presa em fuga
entramos no anzol em queda livre
depois da vertigem só um destino
tingir cabelo de rastro vulcânico
como um par de mãos pacientes
ou os olhos de um pintor indeciso
e ingênuo — a cor do sol não deita —
aconteceu que pousamos que morremos
numa mulher



Lucas Litrento é escritor e cineasta. Publicou os livros de poesia “Os meninos iam pretos porque iam” (Ilogram, 2019) e “Pretovírgula” (Círculo de Poemas, 2023). “T”XOW”, seu primeiro livro de contos, foi semifinalista do Prêmio Oceanos de Literatura (2021). Lançou os curtas-metragens “círculos” (2020), “Samuel foi trabalhar” (2024) e “Ajude os menor” (2025).



CRÍTICA

Esse microespaço onde a vida luta e comemora

Crítica de 'Ladeira da Preguiça', de Evanilton Gonçalves

Tiago D. Oliveira

Poeta, escritor, professor e pesquisador com formação em Letras pela UFBA e UNL (Portugal). Foi finalista do Prêmio Oceanos com o livro "As solas dos pés do meu avô" (2020), publicado no Brasil e em Portugal. Vencedor do Prêmio João Ubaldo Ribeiro com a obra "Soprando o vento" (2020). Lançou recentemente "Caramelo quer ver o mar" (7letras, 2024). Escreve a coluna "A distração possível" no site da revista O Odisseu.



Fotos de Davi Boaventura, escritor, tradutor e fotógrafo. Autor de "Mônica Vai Jantar" (Dublinense).



EU ME LEMBRO

A memória é uma vasta ferida.
Chico Buarque

Neurocientistas da Universidade de Southampton demonstraram que recordar o passado com afeto ativa regiões cerebrais ligadas à esperança, e não à tristeza. Assim, a nostalgia não se confunde com a melancolia: trata-se de uma forma de recarregar o sentido.

Talvez por isso tantos escritores iniciem seus livros com a fórmula "lembro-me...". Eu me lembro tanto. Não sei ao certo se foi um sonho, mas tenho cá minhas desconfiabilidades — como o povo de minha infância chamava a habilidade treinada de desconfiar; o

povo da minha rua, lá em Sete de Abril. Por isso, aposto que é lembrança.

Sonhei que flutuava pelas ruas de Salvador. O cheiro do mar vencia tudo. Abri os olhos e estava no centro da novela *Ladeira da Preguiça*, de Evanilton Gonçalves, publicada pela Editora Todavia. Estava ali com Zigue e Adelaide. A noite já caía, e algumas pessoas desciam do Campo Grande para continuar curtindo, na Ladeira, o finalzinho daquele 30 de novembro, data da XVIII Caminhada Nacional do Samba. Eu me via sem conseguir controlar o corpo: caminhando e sendo caminhado.

Zigue ainda não havia levado o tiro e sorria dentro do mistério que é sentir, mesmo quando todos investem contra nós. Havia um calor que subia das pedras, uma força bruta ainda sem justificativa. Não chovia. Uma tensão se instalara no ar.

“Estamos diante de um pequeno grande mundo: uma novela capaz de dialogar com aspectos históricos de um lugar.”

- Tiago D. Oliveira

Sobre “Ladeira da Preguiça”, de Evanilton Gonçalves.

Dois casais cortaram nosso caminho, misturando-se à multidão. Derramaram sobre os cabelos, na embriaguez inteira do dia, garrafas de Bling H2O. Um fio de suor descia pelo meu rosto até alcançar o peito. Zigue receberia um tiro. Eu não conseguia parar de pensar nisso. O coração. O coração e a Ladeira. O abafamento. A água.

De repente, choveu. E, com os pés descalços, sentindo sangue e poeira como símbolos que não se resolvem, abri os braços. Num tempo antigo e real, ali, entre o asfalto e o mar da Bahia, choveu a augurar um sonho.

O SONHO É UM LUGAR DE AUGÚRIO

Uma vida não basta ser apenas vivida: também precisa ser sonhada.

Mario Quintana

É impressionante como um livro pode remontar alguém por inteiro e agir nas entrelinhas do silêncio, colocando nos trilhos um caminho que sempre foi seu, mas que os encaixes e desencaixes da realidade acabaram por adiar. As águas rolam, seguem a corrente.

Foi assim que me encontrei ao terminar a primeira leitura de Ladeira da Preguiça. Estamos diante de um pequeno grande mundo: uma novela capaz de dialogar com aspectos históricos de um lugar e, sobretudo, de construir um discurso atual e político, tão necessário para atualizar o romantismo cristalizado da cidade de Jorge Amado. Um olhar de festa, sim — afinal, estamos aqui, mas também de reação.

A obra costura em nós uma geografia consciente: de onde viemos, de que barro foram moldadas nossas passadas e aquelas que vieram antes de nós, e que hoje usamos para calçar os pés. Com uma escrita de requintes jornalísticos, didáticos, analíticos e poéticos, Evanilton entrega o retrato de uma Salvador personificada, que fala por meio de suas ruas, ladeiras, corpos e histórias marginalizadas — habitantes de suas próprias entranhas.



Parto de Frantz Fanon e de uma ideia recorrente em seus estudos sobre a psicopatologia da colonização: “os oprimidos tendem a acreditar no pior sobre si mesmos”. Tal noção permite pensar os mecanismos da internalização da opressão, processo pelo qual a imagem negativa projetada sobre o sujeito oprimido, ao longo do tempo, é incorporada como verdade. Soma-se a isso o que Fanon identifica como auto-ódio, quando a máquina social leva o sujeito a rejeitar suas próprias características, cultura e identidade.

Essa reflexão dialoga diretamente com o que afirma Paulo Freire em Pedagogia do oprimido: que o oprimido hospeda o opressor dentro de si. Instala-se, então, um travamento diante da vida — uma desconfiança permanente de si mesmo e dos semelhantes.

Ao dar voz a personagens como Adelaide e Zigue, Evanilton tensiona a imagem de uma Salvador turística, gentrificada e capturada pela especulação imobiliária. Revela, assim, camadas de uma história que coexiste, mas frequentemente é silenciada pelo discurso oficial. Ladeira da Preguiça apresenta os marginalizados da cidade do carnaval como protagonistas de suas próprias narrativas. São essas vozes que constroem a relação duradoura com este livro.

É por meio de Zigue, Adelaide e outros personagens que lemos os oprimidos reagindo à

CRÍTICA

violência que, desde sempre, se abate sobre seus corpos — corpos que são, simultaneamente, trincheira e memória. Com eles, aprendemos que a vida continua mesmo depois da morte.

Em um dos recortes possíveis da novela, Zigue caminha pelas ruas catando latas, enquanto Adelaide lava carros nos arredores da Ladeira. Trabalhos informais, precários, mas essenciais à manutenção da vida cotidiana. Michel de Certeau, em *A invenção do cotidiano*, descreve tais práticas como “táticas” e “estratégias”: modos de resistência e de reconfiguração do espaço imposto.

E é assim também que a leitura aciona a memória. O tempo retorna e revela modelos que seguem se reconfigurando na Salvador de hoje. Parentes, vizinhos, conhecidos — tudo reverbera como forma de sobrevivência. Trata-se de um espaço vivido, onde subjetividades se entrelaçam à geografia física: casarões coloniais reinventados ou abandonados, ruas de pedra, fontes históricas que ainda hoje servem para lavar roupas e banhar corpos, como se o tempo tivesse suspenso seu curso.

Outro recorte possível é pensar a Ladeira a partir de Henri Lefebvre, em *A produção do espaço*, não apenas como cenário, mas como espaço socialmente produzido, onde relações de poder e resistência se manifestam: “o espaço percebido, o espaço concebido e o espaço vivido intervêm de maneira diferencial na produção do espaço social”.



“Evanilton tensiona a imagem de uma Salvador turística, gentrificada e capturada pela especulação imobiliária”

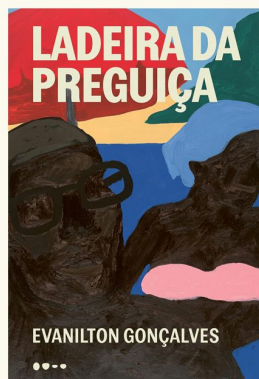
- Tiago D. Oliveira

Sobre “Ladeira da Preguiça”, de Evanilton Gonçalves.

A curadoria de Ladeira da Preguiça é feita por um autor atento e sensível ao seu tempo. Sua escrita nasce da crueza de uma esperança cultivada na vida concreta. Uma gente que não deixa de acreditar, mesmo depois da dor, ou durante ela.

Isso se revela quando Zigue é atravessado pela morte, deixando Adelaide com um vazio no centro da existência. Aos poucos, porém, o movimento da Ladeira — seus moradores, seus fluxos — desloca a tristeza, devolvendo-lhe o direito de reorganizar a fé. A vida segue, apresentando novas possibilidades de amor.

Assim, deixo-me água. Penso. Sinto a corrente que escorre pelas páginas. São águas de outras águas, de outras eras, conduzidas pela mesma força hereditária. Águas que descem a Ladeira da Preguiça e nos ensinam: o que permanece é forte porque segue e sonha, sem permitir que morra a vontade de sonhar.



Ladeira da Preguiça, de Evanilton Gonçalves
Editora Todavia, 2025
75 pp.



CRÔNICA

Não é possível dançar tango descalça

Viviane Ka

Escritora e roteirista. Autora de "Um quarto em cavala" (Laranja Original).

Foto de Viviane Ka



nevoeiro âmbar, dança só para mim. A melancolia feliz do homem ao abraçar sua parceira e a poesia latente em cada músculo da perna da bailarina me ensinam que não é possível dançar tango descalça. Nem sem um par.

A busca pelas almas inquietas me faz valente, caminhando intuitivamente pelas calles onde possa existir alguma vida noturna. Sempre há mais uma taça de vinho ou um café tardio. Estou atrás de histórias para contar, do poema brotante, de andar pelos mesmos caminhos de escritores. Viajar é mudança. É entrar em um estado de mudez para escutar o que acontece fora, é um jeito de desaparecer para que brote o inesperado que grita.

Buenos Aires é uma cidade que, obsessivamente, guarda memórias. Ossos de desaparecidos na neve e placas douradas em edifícios: Aqui morou a poeta Alejandra Pizarnik. Toco na mesma maçaneta da porta de entrada que ela tocou, sinto a vibração de sua presença na cumplicidade do silêncio. A poesia de Pizarnik é um tombo, uma abertura para um infinito parque noturno de rosas. De sua janela, escapa um pássaro negro que me sobrevoa como uma dinastia de sóis.

Sigo em frente na filosofia do César Aira, escritor argentino que tem a pulsão, escreve e publica depois de mais de cento e cinquenta e dois livros escritos. Sento em um café, peço um vinho. Escolher um ponto de partida e disparar qualquer ideia maluca, sem muita

É noite de um domingo chuvoso na cidade de Buenos Aires. Em Santelmo, as casas são antigas e estalam quando se acendem as luzes amarelas dos postes. Ando sozinha pelas ruas do bairro boêmio e sinto que o casal bailando tango na pracinha, dentro do

CRÔNICA

elaboração, sempre em frente. Um galgo nervoso aparece na janela do café. Tem a cor de um tigre na coleira. Ele devora a mulher que o conduz. O vidro tinge-se de lágrimas tintas. Tomo mais um gole do vinho. O furioso inverossímil me encontra ali, escrevendo o pensamento brutal que surge na próxima página, sempre em frente.

Escrevo no café El Socorro, à espera da minha mentora local, a poeta Cecilia Pavón. Nenhum turista, só o dono passando um pano sobre o balcão de mármore rosa. É um lugar que permanece o mesmo desde 1960, em uma simplicidade de madeira escura e banquetas gastas. Os habitués são tão antigos como o café. Chegam com bengalas de prata, felizes por terem suas mesas já garantidas como uma casa. Preenchem as palavras cruzadas do jornal, mesmo que outros já tenham preenchido. Palavras sobre palavras sobre palavras, em várias versões, em outros significados para o mesmo enigma.

Cecilia é uma mulher magnética, seus olhos escuros são uma tela de cinema momentos antes de começar o filme. Trazem na íris um radar sentimental. Espalhamos sobre a mesa livros, cadernos e páginas impressas. Escrever é como cravar um punhal na névoa.

Há uma conexão sem afetação entre nós, no fio misterioso da língua que parece uma martelada no peito, o espanhol porteño. Somos mulheres escrevendo poesia no mundo, trabalhando no precário equilíbrio entre silêncio e voz.

Conversamos como se trocássemos cartas, nas linhas mais íntimas de compartilhar a criação de filhos e amores que se perdem. Temos em comum pista com músicas dos The Smiths e o olhar para os subsolos. Saio do encontro com Cecilia com uma chama nas mãos, o livro que ela me presenteia. Estou pronta para continuar a escrever e viver na mesma página.

É primavera na cidade, pétalas das flores dos jacarandás derramam-se sobre o túmulo de Silvina Ocampo, poeta caudalosa e úmida, que não combina com o calor.

No muro do cemitério, está escrito: Defiende tu magia. Defendo, quebrando ovos com minha bota, com delicadeza e fúria.

CRÔNICA

A rua que desaprendi



Maurício Mendes é médico e escritor, autor do romance "O homem não foi feito para ser feliz" (Mondru); além de colunista da revista O Odisseu e curador e mediador de clubes de leitura.

Meu registro de nascimento diz Fortaleza, mas, quando penso na palavra "rua", a cidade que aparece primeiro é São Luís. Mais precisamente, o trajeto entre a escola no João Paulo e o bairro Ivar Saldanha. Era um caminho curto no mapa e imenso no corpo: a saída da escola no fim da tarde, a descida com o uniforme amarrotado, o entra e sai do comércio popular, o cheiro de beiju misturado com gasolina. A rua era esse corredor vivido entre um bairro e outro, um pedaço de cidade atravessado com a naturalidade de quem não precisa pensar em "rota segura".

Havia risco, claro. Falava-se de assalto perto da parada, de briga em tal esquina, de alguém que "se meteu com coisa errada" e levou um tiro numa rua próxima. Contudo, o perigo ainda cabia em história contada à mesa, temperada com conselho e fofoca. O que ficava para mim não era a estatística, era a coreografia banal do percurso: dar uma conferida na pequena loja de aquários, desviar do cachorro que dormia sempre no mesmo canto da calçada, atravessar a rua no lugar errado porque ali o fluxo dos carros parecia "mais calmo". Eu ia e voltava a pé, como se a rua fosse uma extensão inevitável da casa e da escola.

Hoje, quando revisito esse trajeto em pensamento, o mapa afetivo se mistura com outro mapa, bem menos ingênuo. Lembro do João Paulo, lembro do



"A rua entra no hospital como contexto de dano, raramente como espaço de direito."

- Mauricio Mendes

CRÔNICA

João Paulo, lembro do Ivar Saldanha, mas junto com as esquinas vem a pergunta: será que eu deixaria hoje um adolescente fazer esse caminho a pé? E, mais fundo ainda: será que eu mesmo teria coragem de refazer, sozinho, no horário em que fazia antes? A nostalgia é sabotada por essa dúvida concreta — não sei mais se o trajeto que me formou continua disponível para o meu corpo adulto.

Os números, que eu só fui conhecer muitos anos depois, ajudam a entender por que essa sensação de ameaça se infiltrou no cotidiano. Em meados da década de 2010, São Luís aparece entre as cidades mais violentas do mundo em listas internacionais; em 2014–2015, a capital maranhense registra taxas de homicídio acima de 50 mortes por 100 mil habitantes, patamar muito superior ao de muitos países em guerra declarada. Em paralelo, Fortaleza, onde eu viria morar, disputa os primeiros lugares nos rankings de violência urbana: em 2014, a cidade registra 1.989 assassinatos e uma taxa de 77,3 mortes por 100 mil habitantes, liderando o ranking de capitais brasileiras. Não eram apenas “casos isolados”; havia uma mudança estrutural na forma como o corpo circula — ou deixa de circular — na rua.

Quando me mudei para Fortaleza, depois da residência médica, o meu modo de ocupar a cidade já era outro. A rua deixou de ser caminho inevitável e virou obstáculo a ser minimizado. Portão eletrônico, garagem, carro, ar-condicionado, guarita do hospital: o trajeto entre casa e trabalho foi se transformando num corredor fechado. A vida deu certo no currículo e, como contrapartida, a cidade foi sendo convertida num conjunto de áreas a evitar, rotas alternativas, atalhos privados. Onde antes o meu corpo aprendia o mundo a pé, agora o aprendizado é mediado por vidro fumê, aplicativo de trânsito e alerta de violência em tempo real.

Nos plantões, a rua reaparece de outro modo. São Luís, Fortaleza, periferias e centros chegam deitados em macas: o mototaxista atropelado, o jovem baleado “no ponto de ônibus”, a mulher molestada que pediu socorro na avenida. Cada um traz um pedaço da rua na pele, mas, no prontuário, tudo vira fórmula: “vítima de arma de fogo em via pública”, “atropelamento em avenida de grande fluxo”, “agressão física em logradouro não informado”. A rua entra no hospital como contexto de dano, raramente como espaço de direito. Ninguém é admitido com o diagnóstico de “complicações crônicas de morar longe demais” ou “efeitos colaterais de precisar atravessar a cidade todos os dias”.

Talvez por isso me fascine tanto a figura do flâneur, essa espécie de andarilho de luxo da modernidade que Baudelaire e Walter Benjamin transformaram em chave de leitura da cidade. O flâneur é aquele que caminha sem pressa nem finalidade clara, deixando-se atravessar pelas ruas para depois remontá-las em pensamento. Em João do Rio, esse gesto ganha versão tropical: o escritor passeia pelo Centro do Rio de Janeiro, registrando tipos, ofícios, trânsitos, em crônicas que tratam a rua como personagem. Em comum, há uma confiança mínima no espaço urbano: a ideia de que é possível andar, observar, errar de caminho, sem que isso seja imediatamente um ato de imprudência.

Quando penso no trajeto João Paulo → Ivar Saldanha sob essa lente, vejo que, sem saber, eu já

“É possível refazer, a pé, a geografia afetiva da infância quando a cidade à volta se tornou um território cartografado pela suspeita?”

- Maurício Mendes

praticava uma flânerie precária. Não tinha dinheiro, não tinha tempo de turista, não tinha o distanciamento irônico do dândi parisiense, mas tinha algo essencial: o direito de andar. O percurso da escola até em casa era uma espécie de laboratório de mundo. Hoje, a pergunta que me incomoda é outra: ainda existe, para mim, esse direito na mesma forma? É possível refazer, a pé, a geografia afetiva da infância quando a cidade à volta se tornou um território cartografado pela suspeita?

A resposta fácil seria dizer que não, que o mundo piorou, que “não é mais como antes”. Há verdade nisso, porém ela é insuficiente. Porque, ao mesmo tempo em que cresciam os índices de violência, crescia também o meu raio de proteção individual. Eu saí a pé da escola do João Paulo; hoje saio de garagens em Fortaleza. Entre uma cena e outra, há a escalada da criminalidade, sim, mas também há a escalada da minha própria disponibilidade de fugir da rua. A cidade ficou mais perigosa, contudo eu também fui aceitando, com uma docilidade quase confortável, a proposta de viver em corredores climatizados, de terceirizar para outros corpos o perigo que um dia já foi também meu.

É aí que entra uma outra camada dessa história: a rua que eu desaprendi continua sendo a rua de muita gente. A classe média das duas capitais aprendeu a terceirizar o trajeto. Quem efetivamente atravessa a cidade a pé, de bicicleta, de moto, são os outros: o motoboy que rasga o corredor levando a minha refeição, o motorista de aplicativo que atravessa bairros que eu só conheço pelas manchetes. Enquanto isso, eu acompanho o deslocamento deles por um mapa na tela, torcendo para que o ícone não pare tempo demais em nenhum ponto. É uma espécie de flânerie invertida: em vez de andar pela cidade para observá-la, faço a cidade circular até mim em tempo real, filtrada por notificações e rastreadores.

Há ainda um terceiro mapa nessa história: o mapa turístico. Fortaleza aprendeu a se vender como destino de praia, sol e consumo. Rankings de plataformas de viagem costumam colocar a cidade entre os destinos mais buscados do país. A orla é continuamente “revitalizada”, a Beira-Mar ganha decks instagramáveis e quiosques padronizados. São Luís, por sua vez, é apresentada ao visitante pela curva da Avenida Litorânea e pelos azulejos do Centro Histórico, embalada por roteiros oficiais de “cultura e charme”. Em ambos os casos, as cidades se

CRÔNICA

deixam percorrer — todavia apenas em certos trechos, em certos horários, por certos corpos. Há circuitos em que o turista pode brincar de flâneur. Nesse cenário, a nostalgia do caminho João Paulo → Ivar Saldanha ganha uma camada incômoda: não se trata apenas de lamentar uma “infância mais segura”, mas de perceber como o acesso à rua se redesenha de forma brutalmente desigual.

Nas estatísticas de homicídio, São Luís e Fortaleza dividem páginas e rankings que as colocam entre as cidades mais violentas do país e do mundo. No cotidiano, isso se traduz em quem pode escolher evitar certos percursos e quem é obrigado a percorrê-los todos os dias. Para muitos adolescentes de hoje, esse trajeto da escola até o bairro continua sendo feito a pé — só que sob risco maior, com menos redes de proteção, com mais polícia e mais facções disputando o mesmo território.

E eu? Que lugar ocupo nisso tudo? Quando digo que tenho medo de refazer, a pé, o caminho da minha adolescência, não estou apenas constatando um fato objetivo de violência urbana. Estou reconhecendo que o meu corpo já não é o mesmo — não só porque envelheceu, mas porque ascendeu. Tornei-me parte de uma “raça” social alheia ao chão da rua: quem entra e sai de prédios com portaria, quem circula mais de carro do que de ônibus, quem raramente precisa ficar numa parada à noite esperando o coletivo atrasado. A cidade, que um dia eu aprendi com o corpo inteiro, passou a ser algo que gerencio à distância, pela tela do celular, pelos mapas dos outros.

A rua nunca foi um lugar totalmente seguro — nem na São Luís da minha adolescência, nem na Fortaleza onde moro hoje. Porém, talvez ela ainda possa ser, em alguns momentos, o lugar onde memória e presente se encostam. Se é possível ou não refazer inteiramente o trajeto da escola até o bairro eu sinceramente não sei; talvez a cidade e eu tenhamos mudado demais. O que sei é que, toda vez que hesito diante de uma esquina que antes eu atravessava sem pensar, o que está em jogo não é só a minha segurança, mas o tamanho do mundo que aceito habitar. E essa decisão — de reduzir ou alargar esse mundo em alguns quarteirões — continua sendo, apesar de tudo, uma escolha que ainda passa pelo ato simples, e cada vez mais raro, de ir a pé.

Acesse o QR Code e descubra a poesia de Aloísio Romanelli



POESIA

Diadorim

Lucas Litrento. Da série “Tapera”

olho bem de perto
me aproximo
te olho bem de perto
você desenha abrir a boca
dou mais um passo
conto os dentes que vejo
some a borda do rosto
tateio o chão abismo insone



Lucas Litrento é escritor e cineasta. Publicou os livros de poesia “Os meninos iam pretos porque iam” (Iogram, 2019) e “Pretovírgula” (Círculo de Poemas, 2023). “T”XOW”, seu primeiro livro de contos, foi semifinalista do Prêmio Oceanos de Literatura (2021). Lançou os curtas-metragens “círculos” (2020), “Samuel foi trabalhar” (2024) e “Ajude os menor” (2025).

Descubra as belas paisagens da bela poesia cotidiana de **Aloísio Romanelli** em “**Relances de Mar e Montanha**”, um lançamento imperdível da poesia contemporânea.



CRÔNICA

O voo do Daemon sobre a cidade de “Paranóia”

Antonio Arruda

Jornalista, escritor, roteirista e educador. É mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Autor do livro “O corte que desafia a lâmina” (Editora Cachalote). Fez parte da equipe de roteiristas das duas temporadas de Cidade Invisível (Netflix Brasil) e foi consultor criativo da série Santo (Netflix Espanha/Brasil). Assina como corroteirista o longa metragem “O mel é mais doce que o sangue”, de André Guerreiro Lopes, inspirado em poemas de Lorca.



Retraço o caminho, os fios das luzes elétricas cruzam meu cérebro, volto às ruas onde a juventude atravessou desejos e lisérgicos, Aurora inebriadora de corpo e poesia,

dobro a esquina, rua Canuto Duval, entro no elevador de porta pantográfica, coração como asas de beija-flor, ele abre a porta, Roberto Piva diante de mim, desejava beijá-lo?, apresento-me incrédulo, ele fecha a porta, há livros do chão ao teto nas paredes e nos cantos das paredes e sobre a mesa no sofá onde me sento há livros debaixo da poltrona onde ele se senta há livros o poeta de “Paranóia” me encara,

falo da revista, da entrevista, é sobre literatura homoerótica, digo, não existe literatura homo, hétero, há literatura, ele diz, pergunto do livro, da cidade, de São Paulo, transformei a metrópole em alucinação, ele fala, relembra os tesões da juventude, o sexo era de verdade proibido, subversivo, não era comprado em saunas nem normatizado em casamentos que seguem o padrão



Roberto Piva. Foto de Luiz Prado (Estadão)

hétero, ele diz,

ele me encara, lembro da foto de Wesley Duke Lee para a edição da Masao Ohno, Piva descendo as escadas, paletó, luvas, um cachecol displicente contorna o pescoço, olha para baixo, os maxilares proeminentes, ossos másculos, desenhados, arquitetura libidinosa, desejaria beijá-lo?, a poesia é um salto no escuro da vida, ele diz,

emudeço, o que dizer após a revelação da verdade poética?, nos abraçamos, ficaria uma eternidade naquele abraço, mas saio, embriagado, acendo um cigarro, a cidade me encara indefeso, frágil diante da Beleza, olho para trás, para o alto, ele ainda me observa da janela do apartamento,

trombo com um homem, pede fogo, antes que eu pegue o isqueiro, tira o cigarro de minha boca e acende o seu em minha brasa, tira da jaqueta “Paranóia”, você estava com ele, não estava?, ele me pergunta, faço que sim com a cabeça, atônito, ele abre em uma página aleatória,

Praça da República dos meus sonhos*

ele lê, é apenas o título, vou virar a página para buscar o restante do poema, ele o fecha, precisa ser aleatório, fala, abre-o novamente

Por detrás de cada pedra
Por detrás de cada homem
Por detrás de cada sombra
O vento traz-me o teu rosto

ele me pega pelo braço e me conduz, sorrindo enquanto solta a fumaça, abre em outra página, lê,

Maldoror em taças de maré alta
na rua São Luís o meu coração mastiga
[um trecho da minha vida]

já leu os cantos de Maldoror?, ele pergunta, ainda não, digo, precisa ler, pede novamente fogo, me dá um cigarro, acende ambos

Eu vi os anjos de Sodoma escalando
um monte até o céu
E suas asas destruídas pelo fogo
abanam o ar da tarde

na foto de Lee, à esquerda do poema, três garotos, o do meio sorri para a câmera, usa camisa estilo militar e uma gravata, o da esquerda parece olhar e não

CRÔNICA

olhar para a lente, está sério, metade do rosto sob a sombra, do da direita não se vê a face, tem o corpo cortado pelo suposto ferro que divide a janela, onde o reflexo de uma lâmpada nos confunde sobre o que está dentro e o que está fora, ele me olha, ele te disse que a poesia é um salto no escuro da vida?, respondendo sim, ele lê

eu sinto o choque de todos os fios saindo pelas
[portas
partidas do meu cérebro
eu vejo putos putas patacos torres chumbo
[chapas chopes
vitrinas homens mulheres pederastas e crianças
[cruzam-se e
ambrem-se em mim como lua gás rua árvores lua
[medrosos repuxos
colisão na ponte cego dormindo na vitrina horror
disparo-me como uma tómbola
a cabeça afundando-me na garganta

quando me dou conta, estamos na República, michês entre as árvores e os postes, calças coladas ao corpo, falos volumosos, reparo em seu corpo, viril, é um belo homem, como Piva, ele passa pelos garotos de programa e os olha bem de perto, ele te falou de Pasolini, Kafávis, Ginsberg, Rimbaud, Lorca, Mário?, sim, respondendo, e que só acredita em poesia que nasce da vida?, assinto, ele me pega pela cintura, agora é a sua vez de ser aleatório, diz, abro o livro olhando-o com desejo,

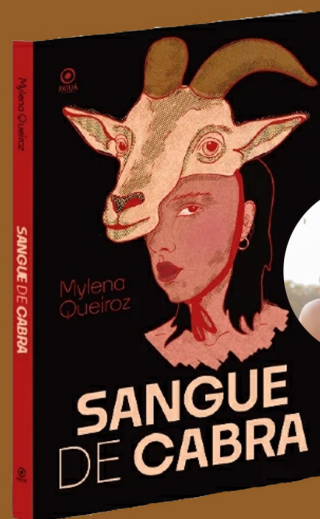
A estátua de Álvares de Azevedo é devorada com
[paciência pela paisagem
de morfina
a praça leva pontes aplicadas no centro de seu
[corpo e crianças brincando
na tarde de esterco
Praça da República dos meus sonhos
onde tudo se fez febre e pombas
[crucificadas
onde beatificados vêm agitar as massas
onde Garcia Lorca espera seu dentista
onde conquistamos a imensa desolação dos
[dias mais doces

não pareceu aleatório, digo, ele me pega pela cintura, michês nos cercam enquanto nos beijamos seus corpos se apertam contra nós o calor da noite sem lua eriça os pelos e as ruas a cidade o livro se entrecruzam no gozo que salta no escuro da vida.

O poeta, sentado sobre a flor de lótus metálica ao lado dos anjos impúberes, acena para mim, xamã erótico, cantor dos devaneios da pauliceia. Tira do bolso um pequeno bloco. Escreve. Desde o alto do arranha-céu, um daemon voa em direção ao texto.

*Todos os trechos em itálico foram retirados do livro "Paranóia", de Roberto Piva; fotografado e desenhado por Wesley Duke Lee. 2ª edição – São Paulo: Instituto Moreira Salles e Jacarandá, 2000.

**“o sexo era de
verdade proibido,
subversivo, não era
comprado em saunas
nem normatizado em
casamentos que
seguem o padrão
hêtero, ele diz...”**



O melhor livro de ficção de 2025 pela revista O Odisseu

Conheça “*Sangue de Cabra*”, livro de estreia de **Mylena Queiroz** que traz contos tão perturbadores quanto maravilhosos.

**Acesse o QR Code
e saiba mais!**



CRÔNICA

Pedra-Nascença

Rita de Podestá

Mineira de Belo Horizonte, nascida em 1985. Escritora e roteirista, é autora de "Zaranza" (Reformatório, 2021), livro de contos semifinalista do prêmio Jabuti e finalista do Prêmio Candango de Literatura, ambos em 2022; e de "Parapeito", seu primeiro romance, lançado em 2025 pela Editora Cachalote do Grupo Aboio.



Vejo as montanhas de Cusco da varanda do hotel. Estamos a quatro mil e oitocentos metros de altitude e temos vinte e cinco por cento menos de oxigênio. Mais perto do céu o coração palpita, a digestão se alenta, e o corpo todo precisa se reajustar para ser, também, montanha.

Sempre fui montanhosa, mais sopo do que topo, mas sempre montanha. O mar me espalha. A montanha me recolhe.

Estamos aqui há dois dias. Minha mãe dormiu depois de sentir-se ofegante. No nível do mar minha mãe nunca se ofega. Mãe-disposição. Essa viagem é uma comemoração dos seus setenta anos e dos meus quarenta: tem hora, muitas, em que ela é mais nova do que eu.

Neste momento ela dorme e eu tenho insônia, não que se possa chamar de insônia estar acordada às dez da noite, mas é – é porque tenho sono e sinto a euforia típica das insônias – uma euforia rarefeita.

**Uma educação pela pedra: por
[lições;
Para aprender da pedra,
[frequentá-la;**

A montanha me recolhe

Há alguns meses assisti ao filme Depois da Vida do cineasta japonês Hirokazu Kore-eda. O filme se passa num limbo pós-morte. Acontece assim: depois que você morre você tem uma semana para escolher uma única memória para levar ao além-vida, seja lá onde ele for. Escolhida, você descreve sua memória para que uma equipe de cineastas (também mortos) que vão reconstruir e filmar sua recordação de modo que ela possa existir para todo o sempre.

Claro que você passa o filme todo se perguntando qual seria sua recordação. A que me veio, depois de muito devaneio, foi de uma memória que eu



Pedra de 12 ângulos, em Cusco - Foto de Rita de Podestá.

não tenho: a primeira vez que eu li: a primeira vez que letras unidas viraram léxico: a primeira vez que eu decodifiquei uma palavra: a primeira palavra-palavra fazendo sentido e não sendo um tanto de letra me fazendo de sonsa: a primeira vez que eu decodifiquei a senha para um mundo, aí sim, além da vida. Um mundo que me perseguiria, desde então, ainda em vida.

CRÔNICA**Captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).****A primeira palavra-palavra**

Ter insônia por estar viva, apenas. Meu coração está acelerado e já não sei se por altitude e ares rarefeitos ou pela lista de preocupações que se recomenda esquecer quando se está de férias. Como se houvesse férias.

Desde que escrevo nunca tirei férias, e isso não é romantização do ofício. É o ofício em si. Hoje mesmo, li o dia inteiro. A cidade. Olhei para cada pouco dessa cidade que tem um peso enorme no curso do mundo e tudo me pareceu comovente. Principalmente a pedra.

A pedra de doze ângulos.

Não consigo dormir e penso na pedra. Chego a culpá-la pela insônia. Como se estivesse amaldiçoada por tocar na pedra Inca de doze ângulos perfeitamente encaixada em outras pedras perfeitamente encaixadas em outros ângulos, tudo num encaixe ridículo de tão perfeito pelo seu desalinhado necessário e, sim, perfeito. Imagine só, carregar essas pedras com menos oxigênio disponível e colocá-las no encaixe exato que durariam séculos.

Quanto menos ar, mais leves ficam as pedras?

Queria encaixar palavras como os Incas encaixavam as pedras – de um jeito torto e sublime, de um jeito que ninguém descobrisse como foi que eu fiz para subir essa parede, nem eu.

Se um dia eu quisesse me perder, só por um tempo, vou deixar pelos caminhos milhares de pedras de muitos ângulos, doze, oito, quatro, três, seis, um rastro aritmético sem nenhuma fórmula: e só vai me encontrar quem souber encaixá-las perfeitamente.

**A lição de moral, sua resistência fria
Ao que flui e a fluir, a ser maleada;****De um jeito torto e sublime**

Eu leio muito menos do que eu queria. Eu leio muito menos do que eu devia. Tão menos, do que eu queria e devia que eu passo grande parte do meu tempo pensando em como eu leio muito menos do que eu queria e devia.

É que já faz um tempo que ler deixou de ser só ler. Ler deixou de ser juntar letras, e palavras, e frases. Não. Já faz um tempo que eu leio em busca do não sentido, da confusão, do que me tira o ar como a falta de ar de uma cidade há mais de quatro mil metros de

de altura, do que me desnorteia como o assovio de um curupira, do que me lança no abismo do abismo, do que me espalha. Já faz um tempo que ler se tornou vital e o que é vital, quando feito no tempo que dá, do jeito que dá, na hora que dá, perde um tanto da sua função em criar imunidade.

Quando chegam as férias eu quero ler tudo o que eu quero ler. Mas não há eu e nem férias suficientes, não há sequer a minha capacidade de escolher o que ler, e para além de tudo, tem a tal da contemplação. Quando chegam as férias, me vem uma vontade de ser só contemplação, tanto do sublime quanto do grotesco.

Vontade de ser uma pedra que lê.

Tolo de quem pensa que as pedras não leem. Leem, quietas e concentradas, se distraíndo vez ou outra com a água que tanto bate, o corpo que tanto encosta, o aviso posto, o movimento sincopado da cidade. Ainda assim, não se abalam, se pedras-pedras mantêm-se firmes, só se ferem em casos sísmicos de magnitude extrema.

**A de poética, sua carnadura concreta;
A de economia, seu adensar-se compacta:****Deixar de ser palavra e ser pedra**

No caminho de trem até o pueblo de Machu Picchu, em meio àquelas montanhas absurdas de altas, esticadas ao ponto de serem elas o céu – eu nunca tinha estado no sopé de montanhas tão altas –, tive a sensação que entrava, devagar, no centro da Terra.

[Com frequência, me espanto ao me lembrar que vivemos acima e não abaixo da Terra]

Até que depois de algumas curvas, muitas, as montanhas pareciam ter o tamanho das montanhas que eu conheço, até que a vegetação quase desértica, parecia ter a umidade que eu conheço, e o Rio Urubamba, cheio de pedras, parecia ter a vontade de ser um rio que eu conheço, até que eu disse, olha mãe, o centro da Terra se parece tanto com Minas Gerais.

O centro da Terra, também, é abissal.

**Lições da pedra (de fora para dentro,
Cartilha muda), para quem soletrá-la.****O centro da Terra, também, é
abissal**

São várias as histórias sobre como a população do Machu Picchu construiu sua cidade, assim como são várias as lendas sobre o que fizeram os Incas a abandonarem. A guerra civil entre Huáscar e Atahualpa, a provável chegada de doenças trazidas

CRÔNICA

pelos espanhóis, a dificuldade de acesso e suprimento, a seca severa são alguns dos tantos possíveis motivos levantados como causa e consequência.

Mas a versão que eu quero é aquela na qual eles simplesmente foram embora antes de qualquer causa, quando tudo estava bem, quando eles ainda podiam simplesmente sair, fechar as portas e jogar a chave na mata. Porque sem eles, Machu Picchu não seria mais Machu Picchu. Colonizada, Machu Picchu já não seria o que cada curva ali foi cavada para ser. Uma cidade que se distancia do seu povo (e aqui eu queria uma palavra com menos peso político, mas não achei), é apenas uma coordenada.

Ficaram só as pedras e as pedras não. As pedras de Machu Picchu nunca foram nem podem ser colonizadas. Só elas sabem o verdadeiro motivo dos Incas terem abandonado o local. Só elas sabem como foram moldadas sem o ferro, só elas sabem o que o deus Sol sussurrou, num idioma que só aquelas pessoas poderiam entender, que fizeram com que toda uma cidade fugisse de lá.

**Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).**

As pedras não

Um homem, peruano, atacou a pedra de doze ângulos, de madrugada e usando um "objeto contundente". A Pedra fica no muro do Palácio do Arcebispo de Cusco, na estreita rua Hatun Rumiyoc, no centro histórico da cidade – uma rua estreita e simpática, na qual as pessoas param para fazer poses e tirar fotos.

O que pensava ao atacar a pedra de doze ângulos e seis toneladas (estima-se). Atacava um símbolo? Um país? Golpeava o peso da precisão? O fardo da perfeição? Deve ser difícil ser o futuro de uma civilização que já era futuro muito antes da palavra futuro existir.

Quando eu vi aquela pedra de doze ângulos, grudados como se moldados pelo ferro e fogo, mas não, quando eu vi o encaixe perfeito e ao mesmo tempo torto, chorei fino e discreta: aquela pedra tem tanto a dizer, mas eu que não pertenço, nunca poderia ouvi-la, mesmo sabendo que ela grita um som agudo e memorioso.

Teria o homem escutado algo que não queria ouvir? Teria a pedra dito, no eco da madrugada, teria ela contado ao homem como tudo isso se deu, os ângulos, a cidade, a civilização, teria ela contado tudo o que ninguém sabe, tudo o que foi e é apenas especulado, imaginado, teria ela revelado o segredo de cada ângulo, e o homem, embriagado, preocupado, tendo o peso da sua vida pequena guardada no bolso, teria ele, estando diante de tamanha revelação, diante de toneladas de confissões, teria ele recusado o peso que tem a verdade de uma pedra?

**No Sertão a pedra não sabe lecionar,
E se lecionasse, não ensinaria nada;**

A verdade de uma pedra

No mesmo dia em que vimos a pedra, paramos para ver a festa da Virgem de la Natividad que acontecia na praça principal de Cusco. Uma multidão de peruanos e turistas vendo os desfiles de mascarados e, entre eles, vi duas crianças sentadas no meio fio, espremidas entre tantos, brincando de pedra-papel-tesoura. Foi quando eu achei que entendi o que nunca poderei entender.

A pedra não tem medo do pedaço de ferro contundente que o homem usou para golpeá-la. Só o papel ganha da pedra, só o papel registra a história que a pedra nunca havia contado até então. A história de uma civilização escrita em pedra da qual o homem bêbado nunca será capaz de se lembrar e que por isso nunca poderá ser transcrita para o papel.

**Lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
Uma pedra de nascença, entranha a alma.**

Só o papel registra a história

Já não estou mais no Peru. Estou a caminho de Belo Horizonte para as festas de fim de ano. Basta eu chegar em beagá que pertenço de novo. Talvez eu não queira voltar a morar em Minas para poder sempre voltar para Minas e me sentir pedra de nascença.

Talvez eu nunca tenha escrito sobre Minas nos meus livros porque escrever sobre Minas seria dizer o que só quem é de Minas consegue escutar. Tinha uma pedra, todo mundo sabe, mas o que a pedra disse, isso Drummond não revelou, deixou cravado.

Minha mãe e meu pai me recebem no portão da mesma casa onde moram há mais de quarenta anos, no mesmo quarteirão onde minha mãe nasceu, na mesma ladeira que dá pro morro e que desce o morro, no único bairro do mundo no qual conheço os vizinhos, os cachorros dos vizinho, no qual cumprimento com o dono do bar, o porteiro da escolinha de música, o dono da farmácia, o segurança que é também pessoal da academia, a moça do correio que fazia as unhas da minha avó, o mecânico que é técnico de som, os filhos da minha antiga babá, um deles arquiteto o outro foi traficante, no bairro quem tem o clube onde aprendi a nadar, o mercado que hoje é famoso e antes era só vendia frango ao molho pardo, a casa vizinha cheia de jambo, a vista da janela da antiga sala de costura da minha vó, a Serra do Curral de onde nasce a lua e meu pai diz, ei filha, vem ver a lua nascer.

Abraço meu pai e minha mãe. Em Minas, respiramos bem. Aqui, estamos inscritas, aqui, eu aprendi a ler e escrever.

* Os versos que atravessam esta crônica são do poema "A educação pela pedra", de João Cabral de Melo Neto.

CONTO

Balada de São Jorge

Guilherme Boldrin

Escritor e autor do livro de contos "O Cuidado dos Sonhos" (Cachalote, 2024). Com uma vertente artística múltipla, atua também compondo canções, tocando viola, fotografando e criando conteúdos audiovisuais. É mestre em Antropologia pela UFSCar, onde defendeu a etnografia Desejo & Separação (2017), pesquisa com travestis e gays em uma prisão paulista. Nascido em 1991, em São José do Rio Pardo (SP), vive atualmente em Cachoeira, no Recôncavo Baiano.



**“Endurecer
sem perder a
ternura,
esquecem os
comunistas.”**

Paraguaçu. Meu corpo ainda marcado do amor do fim de semana. Tinha um Talento para mim também. Sentei na beira de uma árvore e comi de uma vez. Dois ratos brincavam na beira da água salubre do rio, que estava de maré baixa. Um deles mergulhou logo. O outro parecia cantar. Um canto de rato pela beleza da lama. Aquele tititi fininho, ressoando ondas de rádio pirata para os ouvidos afinados dos morcegos. Ondas no meio do rio, numa parabólica expansiva. O que pingou lá? O cheiro de óleo de dendê da baiana que toca sax para vender acarajé. Sobre a minha cabeça um espaço magnético. Toco um acorde. A velha balada. Eu devia estar testando o ritmo 12/8 do samba do recôncavo para tocar com o pessoal na Casa Amarela.

Eu estava na esquina com o violão. Uma encruzilhada de Cachoeira. Um menino parou do meu lado e mandou eu tocar qualquer ritmo. Fui com o lá menor. Joguei um swing estilo “Feeling Good”. Ficou meio flamenco, ando meio viciado. O menino cantor jogou uma canção de amor. Voz doce ele tinha. Improvisou, deu lição. A música não era feliz, não era triste. Um lamento comum, faltava a batida das músicas de sofrência. O lamento que eu sentia, levando um chocolate 70% cacau para deixar na porta do meu amor, porque falei besteira mais cedo e ficou uma chateação para os dois lados. Cumprimentei o garoto com o soquinho em seu punho fechado, “massa, mano”, e subi a ladeira para casa dela. Eu cheguei lá, devagarinho, como um gato, querendo que o violão não falasse por mim. Subi as escadas de passinho, as janelas estavam iluminadas. Será que meu dengo estava na sala ou no quarto? Agachei e deixei o Talento nos chinelos, sobre o tapete, do lado das plantas dos dois lados. Peguei o celular, aproveitando o Wi-Fi dela: deixei um presente nos seus chinelos. KD? Quando? Agora. Já fui.

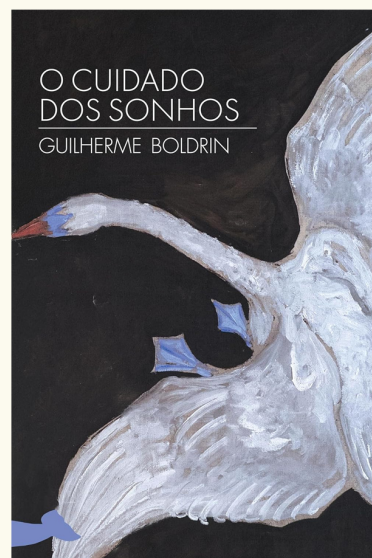
A cidade estranhamente quieta, ecoando a bagunça da festa de São João que outro dia fez dela formigueiro. Agora tudo quieto, meu 4G já era, não paguei a conta. O que será que ela respondeu? Sem pressa, fui descendo para o rio. Tocar um violão na beira do

Mas meu temperamento pede a velha balada. O jeito do mato, o jeito da cantiga da avó. O jeito da ciranda, meio triste, meio dengosa. Mistérios da noite. Eu tocando o violão para o rio vazio. Me lembrei de mais cedo, comprando os chocolates, quando trombei aquela mulher no supermercado. Ela se conteve para me pedir as moedas. A gente sabe o porquê. Outro dia ela me pegou sensível e paguei almoço self-service e refrigerante. A madrinha falou comigo na voz dela. Galego. Eu peço, mas é só uma desculpa para conversar com ocê, eu gosto de ocê, mas ocê é meio trancadão. Sim, eu tô trabalhando para largar esse trancado. Ela comentou comigo: eu durmo ali do lado da ponte, nas ferragens, sou viciada. Sem saber, ela respondia. Ela abriu os olhos, chegou perto. Eu fumo a pedra. Você também? Eu não fumo, não. Semana passada eu sonhei com a madrinha. Pensei onde ela dormia. Visualizei o sono desconfortável, sem detalhes, sem espetáculo. Tive um acesso de compaixão que me quebrou todo antes de dormir. A dor do mundo, lembram os

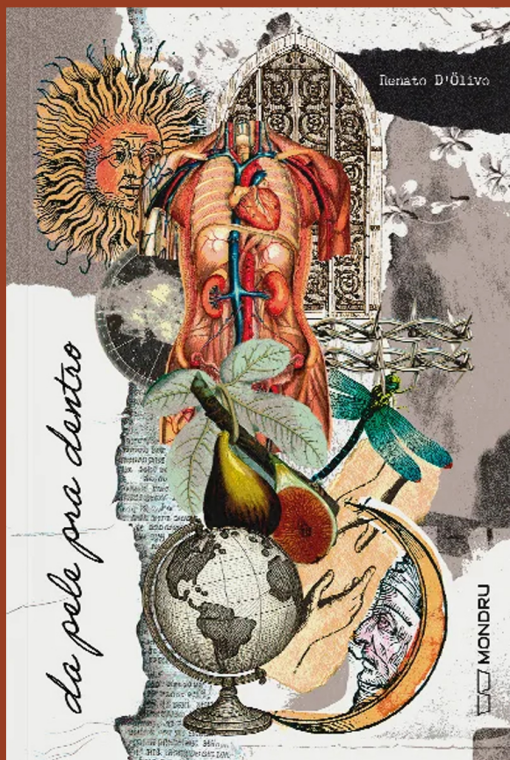
CONTO

os budistas. Endurecer sem perder a ternura, esquecem os comunistas. Retomei a magia, o sol abrindo a cada novo dia de dentro dos corações partidos, explodindo o fluxo da vida. O caos responde minhas perguntas com precisão ordenada. São as éticas. A cidade tem várias cidades. Lição do meu padrinho São Jorge, que sempre vem trazer meu coração à frente. Quando você tem São Jorge do lado esquerdo do peito, a proteção é garantida. Mas o guerreiro exige respeito com quem anda pelos caminhos. Quando você deixa a mesquinha te arregar no medo, você aceita que errou e segue buscando melhorar. Quem sabe, sabe. Quem anda com Jorge se reconhece.

Conto originalmente publicado no livro "O Cuidado dos Sonhos"



Da Pele Para Dentro



Entre o existencialismo, o amor e o divino.

Primeiro livro de poemas de **Renato D'Ólivo** é um convite à busca por autenticidade e expressão genuína.



Acesse o QR Code e saiba mais!

CRÍTICA

O sonho hipster de uma geração

Crítica de 'Procura-se um sofá', de Fernando Baldan

Ewerton Ulysses Cardoso

Editor-fundador da revista O Odisseu, designer e pesquisador em literatura.



Li "Procura-se um sofá", do mineiro Fernando Baldan com uma deliciosa sensação de nostalgia. A obra que retrata as próprias aventuras do autor ao se aventurar no mundo do couchsurfing (nome dado ao hábito de viajar dormindo no sofá/cama/colchão de desconhecidos e contando unicamente com a gentileza mútua) fala de um mundo que eu conheci por meio das telas. Baldan viveu a Europa a partir de 2012 entre aventuras dignas do livro que concebeu: bons vinhos, festas, atritos, desventuras nas grandes cidades do velho mundo, algumas divertidas e outras mais caóticas que divertidas. Em todo o caso, trata-se de uma vida que muitos, inclusive eu, pediriam a Deus.

Não, a narrativa autoficcional de Baldan não romantiza as viagens pela Europa e outros países e as dormidas nas casas dos desconhecidos. Mas isso não torna tudo menos atraente. Mesmo os momentos mais tensos, os perigos (tudo narrado de forma deliciosa e envolvente), resultaram em histórias que poderíamos ouvir/ler sem parar. E foi justamente assim que me senti: li tão rápido "Procura-se um sofá" que a despedida me deixou com o coração pequenininho.

Como vinha falando no começo deste texto, o mundo que o autor mineiro narra permeou o meu imaginário enquanto um adolescente de aspiração hipster (os descolados que amavam ouvir música indie, antiguidades e fazer cara blasé no início da década passada - apesar que acho que eles ainda existem aqui e ali). Bom, eu não vivi nada do que o narrador da história viveu, mas ainda assim, senti que essa também era, em certa medida, minha própria história ao convocar tantos elementos com os quais me reconheci: o desejo de conhecer o mundo, o apreço por bandas pouco conhecidas, a vontade de virar noites correndo um tanto de perigos (uma pulsão de morte, talvez) fez parte do imaginário da minha geração de adolescentes/jovens inspirados pelas grandes artistas estadunidenses e europeus.

A narrativa em questão desperta essa sensação de forma vívida. Pelas lembranças do autor, conhecemos cidades como Veneza, Amsterdã e Berlim, subimos e descemos ruas, conhecemos museus e também passamos muito perrengue pela falta de bateria no celular ou por se perder bêbado em uma cidade desconhecida. O modo de narrar a história, entre fun

CRÍTICA

facts sobre os locais, referências da cultura POP (incluindo cinema, música, programas de televisão e afins) traz uma ideia deliciosa de que estamos ouvindo um amigo muito próximo contar sobre a sua última viagem.

Em grande parte, isso é mérito da saborosa narrativa que Baldan desenvolve. Utilizando muito bem a voz em primeira pessoa, o autor fala diretamente conosco sem o uso de vocativos bregas, mas também confidenciando medos, incômodos e felicidades. Não por acaso o livro tem uma atmosfera íntima, essa conversa no chão da sala, algo que se distancia muito desses livros de viagem enfadonhos que só contam fatos desinteressantes. Não, aqui você não verá mais um relato sobre excentricidades não tão excêntricas das cidades europeias, mas sim uma narração que tem como alvo principal contar a história de um mundo de aventuras.

Um mundo que, de certa forma, também não existe mais. No livro, demarca-se a pandemia como o momento de rompimento. Foi durante a pandemia que o site de couchsurfing começou a ser pago e a queda de atividade foi de mais de 90%. O protagonista também vai dizer que depois da pandemia não mais experimentou a vida de surfar em sofá e até mesmo busca entender como fez isso por tanto tempo.

Hoje, penso nesse processo todo com certa canseira. Conhecer pessoas, não saber ao certo onde você vai se incomodar... ter que se submeter à rotina de um anfitrião, lidar com manias, conversar em outra língua. Não sei onde eu estava com a cabeça (p.26).

De fato, tenho lido que a dinâmica do mundo pós pandemia se tornou bastante diferente. Estamos cada vez mais individualistas, prezando pelo silêncio, menos dispostos a nos arriscar e a viver. O excesso de trabalho, de telas, o mundo que não melhora, tudo isso parece confluir para o fim de uma utopia que estava muito viva no começo dos anos 2010 e que é bem representada no livro de Baldan. Por isso mesmo há toda essa nostalgia.

Por isso mesmo também, a minha experiência de leitura com o livro me levou a um lugar de desejo de retorno para uma juventude que foi, de certo modo, engolida por um mundo burocrático e sem graça. Ao ler "Procura-se um sofá", pensei que há muito daquele Ewerton adolescente ainda em mim, com desejo de desbravar o mundo. Depois de muitas leituras densas, ler o livro de Baldan foi um sopro de animação, um convite à juventude transviada ainda possível.

Como falei anteriormente, grande parte desse envolvimento meu com a narrativa se deve à própria forma como o livro é construído. Os capítulos curtos, sem grandes descrições espaciais, buscam relatar aquilo que é de mais interessante em relatos de viagem, que não é a descrição de monumentos históricos, mas sim a vida local, as idiossincrasias. Atribuo essa qualidade da escrita de Baldan a uma junção do ótimo olhar jornalístico que ele tem e também o da crônica, que é esse gênero híbrido entre o jornalismo e a literatura.

“O excesso de trabalho, de telas, o mundo que não melhora, tudo isso parece confluir para o fim de uma utopia que estava muito viva no começo dos anos 2010 e que é bem representada no livro de Baldan. Por isso mesmo há toda essa nostalgia.”

- Ewerton Ulysses Cardoso

Sobre "Procura-se um sofá", de Fernando Baldan

Ao mesmo tempo, é um romance. O livro se apropria da narrativa romanesca na qual o próprio autor/narrador se faz protagonista de uma história repleta de peripécias que fica cada vez mais divertida de acompanhar. Dito isso, "Procura-se um sofá" acaba se tornando uma ótima pedida não apenas para quem deseja ler a respeito de viagens, mas para quem busca um livro através do qual será possível se relacionar com o personagem de modo a estabelecer laços de cumplicidade. Uma boa pedida para os que, como eu, estão órfãos do sonho hipster.

Procura-se um sofá,
de Fernando Baldan
Folhas de Relva, 2025
178 pp.



CRÍTICA

Miró quase pronto e vestido de afetos

Crítica de 'Estou quase pronto', de Wellington de Melo

Cristiano Santiago Ramos

É escritor, crítico literário, professor e jornalista. Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco. Em 2015, publicou os poemas de "Muito antes da meia-noite".



Poeta Miró da Muribeca
Foto: Pedro Escobar

Estou quase pronto (CEPE, 2025) é uma biografia de Miró da Muribeca. O que nela Wellington de Melo nos propõe, contudo, guarda algo também de testamento, diário de bordo, livro-reportagem, romance de viagem e formação, um Bildungsroman itinerante. Criatura que pulsa, busca, comete deslizes, preenche lacunas e deixa incontáveis janelas abertas. Burocráticas resenhas não nos enganem! As decisões tomadas pelo calejado escritor (em sua estreia como biógrafo) implicam jornada bem diferente das que estamos habituados. Escolhas não raro discutíveis, porém sempre legítimas e responsáveis por cenas absolutamente tocantes.

Para quem conviveu com Miró, essa narrativa delicada, incômoda e suscetível resta mesmo familiar. Mas ela deve ressoar igualmente autêntica nos que desconhecem ou pouco sabem do poeta (que nasceu João Flávio Cordeiro da Silva, em 1960, e desembarcou há três anos como Miró da Muribeca). Até porque Wellington não só esteve presente em grande e sensível parte da vida do poeta, como também optou por não passar despercebido ou negligenciar afeto às cerca de

de quatrocentas páginas (resultado nada imparcial de pelo menos cinco anos de trabalho).

Sim, Estou quase pronto também se dá como uma longa conversa, repleta de informações que caberiam em notas de apresentação, rodapés, hipertextos. Há excessos que realmente podem ser repensados nas futuras edições. Muitas das ênfases, orientações e justificativas são não apenas desnecessárias, como se mostram contraproducentes, provocam breques inoportunos na viagem – a qual, por outro lado, deve muito do seu vigor e da capacidade de emocionar justamente à maneira ostensivamente fraternal com a qual é conduzida.

Na contracapa, Marcelino Freire anuncia: "Miró é a poesia defendida no corpo, a poesia comprometida. É todo o significado de ser poeta, de abraçar o ofício, de viver deste ofício. Miró é a própria poesia". Wellington compartilha de forma apaixonada essa crença. Ele procurou molduras que lhe fizessem jus e, ao mesmo tempo, não veiculassem um retrato demasiado romântico. Essa empresa nada simples seguiu viagem, e nela o biografado está quase sempre em movimento, mudança, (trans)formação. A orelha do livro ressalta tais

CRÍTICA

idas e vindas, nas quais “o leitor pega carona no coletivo de existência de Miró”. O caprichado projeto gráfico e editorial foi construído a partir desses “embarques, paradas e retornos”.

Wellington de Melo trabalhou sobre duas linhas principais, de ritmos bem diferentes. Numa delas, mais ligeira, acompanhamos João Flávio desde menino, pescando nacos da cidade partida e lhes colando os seus próprios pedaços (des)cobertos a seco, na dura rotina de um “preto, pobre e periférico”. Nesses capítulos reside uma das grandes virtudes do livro: fazer-nos testemunhar como o poeta nasce aos poucos e bem antes de realizar seu primeiro verso. A outra linha, por sua vez, corre bem mais lenta e melancólica, com um frágil Miró já muito desmanchado pelo álcool, às vésperas de enfrentar outros terríveis desafios físicos e emocionais – via dolorosa que segue quase sem curvas até o seu inevitável desembarque. O vagar dessa linha é que permite que as duas viagens se amarrem e entreguem o delicado pomo que o leitor guardará consigo após fechar as páginas desse *Estou quase pronto*.

Em quaisquer rotas, no entanto, material de partida foram os depoimentos concedidos ao longo de anos pelo próprio Miró. A partir deles, seu íntimo biógrafo partiu numa incansável busca por testemunhos e documentos que os enriquecessem ou desmentissem o poeta, cuja memória se mostrava cada vez mais debilitada.

Fica óbvio para quem embarca nessa jornada que os afetos e condições envolvidos levaram a caminhos inconciliáveis com outras demandas muito comuns. Fazer da história de Miró um gancho para esmiuçar meio século da poesia independente em Pernambuco, por exemplo, apesar de vereda extremamente convidativa, implicaria livro completamente outro. Livro este que, todavia, quando surgir, terá boa parte da tarefa facilitada pela obra de Wellington. Do mesmo modo, será bem mais simples o percurso de quem se debruçar mais verticalmente sobre correlações entre momentos, lugares, afetos de Miró e a construção de sua poética (proposta que também encontrará riquíssima fonte na dissertação de mestrado de André Telles do Rosário, *Corpoeticidade: Poeta Miró e sua literatura performática*, defendida na UFPE em 2007).

Outro viés muito amaciado para futuros pesquisadores é se aprofundar nos preconceitos e tentativas de apagamento que Miró enfrentou até os últimos dias. Não que o tópico tenha sido negligenciado no *Estou quase pronto*. Nenhuma dessas visadas passou batida. Restou, entretanto, indisfarçável “limitação” – algo que também resulta num dos traços mais comoventes do livro: se não estava propenso a distorcer ou ignorar fatos, Wellington tampouco se dispôs a negar ao amigo tanto a dignidade conquistada a duras penas, como também a que ele merece e ainda está por receber. Daí reforçar as tintas quando relata homenagens e outras provas de reconhecimento público, quando registra o progressivo respeito que Miró angariou entre leitores, colegas, acadêmicos etc. Durante a leitura, essa opção pelo copo meio cheio se mostra consciente e bastante razoável.

“Melo procurou molduras que lhe fizessem jus e, ao mesmo tempo, não veiculassem um retrato demasiado romântico. Essa empresa nada simples seguiu viagem, e nela o biografado está quase sempre em movimento, mudança, (trans)formação.”

- Cristiano Santiago Ramos
Sobre “*Estou quase pronto*”, de
Wellington de Melo

Acontece que o buzão não podia mesmo se demorar além da conta em estações específicas. Não era só questão de ritmo ou de afeto. Dentro dele havia um Miró que pedia para ser compartilhado tanto com rigor quanto com urgência, paixão, vida.

“*Estou pronto / quase pronto*”, dizem os versos de um poema de Miró que tratam de separação. Talvez um dia, ao reeditar a obra, Wellington de Melo decida se afastar um pouco dessa legítima e apaixonada demanda, levar seu biografado por outras travessias. Esse quase agora publicado, contudo, já lhe estabelece como parada obrigatória para todos os interessados no talentoso, representativo e fascinante Miró de Muribeca. Resta-nos, então, reforçar que os portões estão abertos e todos podem seguir “mortos e vivos / nesse passeio de mãos dadas / Deus de bicicleta / e vocês no bagageiro”.

Estou quase pronto: uma biografia de Miró da Muribeca, de
Wellington de Melo
CEPE, 2025
392 pp.



CONTO

Ruas Flutuantes

Myriam Scotti

Nasceu em Manaus. Formou-se em direito pela Universidade Federal do Amazonas, é mestre em literatura e crítica literária pela PUC-SP e, desde 2014, dedica-se exclusivamente à literatura. Em 2020, venceu o prêmio literário de Manaus com o original "Terra Úmida". Acaba de lançar seu livro de contos "Sol abrasador prepara solo fértil" pela editora Orlando.



Antes de deixar aquele inferno verde, ainda praguejei o barão. O povo dizia que ele não era dos piores, se comparado aos trastes que chefiavam outros seringais. Talvez não fosse mesmo. Mas justo ele nunca foi. Me roubou muito, disse tenho certeza. Me amarrou em dívidas que só apareciam na caderneta dele e do gerente do barracão, o infeliz do Homero. A conta, em vez de diminuir, só ficava maior. Zulmira, coitada, teve que aprender a extrair o látex pra me ajudar na lida e aumentar o lucro, mas nem assim o coronel quitava. Dizia que a gente consumia muita carne seca pra alimentar nossos meninos, mas não era verdade. Eu só comprava carne uma vez por mês, o resto da nossa alimentação eu mesmo caçava. Mas quando eu engrossava a voz e gritava com o Homero sobre a roubalheira, os capangas logo chegavam perto pra me amedrontar. Então, rendido, metia o rabo entre as pernas e voltava pro meu tapiri engasgado, como se tivesse um carço de manga engatado na garganta.

No seringal, não existia rua. O que a gente chamava de caminho eram veredas apertadas na mata, trilhas pisadas por bicho e sofrimento de quem já de madrugada sangrava as árvores. Ruas invisíveis, tortas, que o sol mal alcançava. Eram caminhos feitos de silêncio e suor, não levavam a canto nenhum, só de volta ao tapiri, aos mosquitos, à contagem injusta das pelas de borrachas. Aquelas trilhas não davam direção; era uma espécie de

prisão às avessas.

Em 1943, quando ainda morava no meu Ceará e fui recrutado para ser soldado da borracha, disseram que a gente voltaria com honra, como veterano. Milhares de homens, mulheres e crianças acreditaram nessa falácia e partiram rumo ao inferno verde amazônico. Dias infinitos de viagem até chegar aos seringais que se espalhavam pelo Pará, Amazonas e Acre, principalmente. Porém, depois que a gente se embrenha no meio da mata, ninguém recebe notícia. Só o barão tinha rádio, mas não compartilhava as novidades do mundo com os arigós, como ele nos chamava. Soube, por cochicho de seringueiro, que a guerra tinha acabado fazia mais de ano. Mais de ano. E nós ali, acreditando que servíamos ao país, enquanto servíamos era ao bolso dele. Só não era pior porque eu tinha minha mulher pra não me deixar desistir de viver.

Casei com Zulmira antes de vir para o Amazonas, nos dias que ficamos parados em Belém, desembarcando parte dos soldados. Ela estava com a família: pai, mãe e quatro irmãos mais novos. Tinham sido recrutados pra outro seringal, lá no Acre, mas desde que as nossas mãos se tocaram, a gente não conseguiu mais se separar e o pai dela deu graças a Deus que seria menos uma boca pra sustentar, me entregou a filha foi com gosto. Levei a pobre moça cheia de sonho práquele fim de mundo, onde ela pariu nossos dois meninos acompanhada só pela

“E naquele momento percebi que era isso que estava faltando na nossa vida: ruas que levassem adiante.”



CONTO

coragem. E quanto mais eu cortava seringa, mais longe a gente ficava de casa, da esperança. Era como se a mata engolisse tudo — nossas forças, nossa juventude, nossos caminhos.

Quando descobri a verdade sobre o fim da guerra, senti o corpo inteiro tremer. O barão, aquele desgraçado, fingiu bondade, afrouxou algumas cobranças, como quem oferece sombra a homem que já morreu de calor. Mas continuava nos prendendo nas dívidas, essas que ele jurava que eram nossas, mas que eu não reconhecia. Como trabalhar sem ferramenta? Como viver sem encher o bucho, sem uma pinga pra aliviar o peito apertado? No seringal, até o silêncio era inimigo. Dói no ouvido, dói no peito. Foi então que escutei Homero contando que ia embora pra capital. Falou de uma tal cidade flutuante, onde as casas boiavam no rio e as ruas eram de madeira mesmo. Ruas. Essa palavra bateu diferente em mim. Ru-as.

A Zulmira, que carregava nos olhos tantas faltas, só disse:

— Qualquer rua é melhor do que essas trilhas da mata. Simbora desse inferno, que não aguento mais viver aqui. Nossos meninos precisam de escola, de outras crianças pra brincar, de esperança.

E naquele momento percebi que era isso que estava faltando na nossa vida: ruas que levassem adiante. Arrumamos nossas trouxas com o pouco que tínhamos. Saímos antes do amanhecer, levando uma criança em cada colo, enquanto a mata parecia suspirar atrás de nós — talvez admirada de ver alguém escapar. As trilhas do seringal, que sempre me pareceram muralhas, naquela hora pareciam estar abrindo passagem, como se entendessem que nunca mais.

Chegamos aqui em Manaus em Dezembro de 1946. E foi como enxergar o mundo pela primeira vez. Ali, diante de nós, estava a cidade flutuante: casinhas alinhadas sobre o rio Negro, boiando firmes nas toras de açacu, com pilares de andiroba segurando os tetos de palha. Mas o que me deixou realmente sem ar foram as ruas. Ruas de verdade. Ruas de tábuas de madeira, interligando as moradias. Erguidas sobre o rio, esticadas como braços que acolhiam quem chegava. Tábuas estreitas ligando casa a casa, comércio a comércio, esquina a esquina. Caminhos que levavam a algum lugar — não como no seringal, onde todo caminho levava de volta ao cativeiro.

Cada pisada fazia a rua vibrar, mas era um vibrar de vida, não de medo. A madeira estalava baixinho, anunciando gente passando. Ali, o passo de cada um era ouvido; ninguém andava escondido pelo silêncio. A luz do sol batia forte, refletia no rio escuro, e as crianças corriam livres, rindo, como se as ruas flutuantes fossem brinquedos. Era uma cidade de verdade, tudo o que tinha na terra firme, também se encontrava na cidade flutuante: padaria, restaurante, farmácia, dentista, oficina mecânica para as embarcações, posto de gasolina, salão de beleza, e, claro, forró, cachaça e mulher de vida fácil. A gente passava e elas tentavam puxar a gente pra dentro das

casas. Zulmira ficava que nem doida quando eu dizia que teria que passar pelas ruas das moças. Elas eram bem atiradas.

— Entra aqui só um tiquinho, vai... tua mulher não faz o que vou fazer contigo. Minha língua sabe dar voltas e voltas e tá doida pra passear aí entre as tuas pernas, vem, anda, é rapidinho.

Mas eu amava demais a minha Zuzu pra ficar de senvergonhice por aí. Eu só passava pela rua da perdição quando não tinha jeito. Receava não me conter com tanta mulher me atentando. É que o compadre Demétrio tinha um comércio lá próximo e vez em quando eu ia lá saber das novidades do meu Ceará. Ele tinha parentes em Sobral e trazia notícias da minha gente. A essa altura já não sonhava mais em voltar, tinha aprendido o ritmo de Manaus e gostava de ter minha barraca de fruta lá no mercado Adolpho Lisboa. Zulmira lavava roupa pras madames, completava o orçamento. Os meninos estudavam no grupo escolar José Paranguá, na terra firme e essa era a nossa rotina. Comida e água não faltavam, tínhamos, enfim, liberdade para ir e vir dos lugares, sem temer os capangas do barão, a roubalheira do Homero, as onças, a malária e a febre amarela. De repente, já não me doía os três anos que passamos naquele inferno. A cidade flutuante logo se tornou o nosso lar.

A maior concentração de casas era em frente à praça dos Remédios, onde os meninos costumavam brincar nos domingos, enquanto Zulmira e eu rezávamos na igreja logo à frente. Durante a semana, pelas manhãs, a cidade flutuante esvaziava e nos fins de tarde voltava a se encher de gente — homens voltando da pesca, mulheres carregando roupa lavada, vendedores atracando suas canoas como se fossem feiras ambulantes. Havia música, conversa, cheiro de peixe assado e de andiroba pra espantar os mosquitos. À noite, as lamparinas faziam a cidade cintilar sobre a água, como se estrelas tivessem descido pra morar ali. As ruas flutuantes eram diferentes de tudo o que eu tinha conhecido. Eram firmes mesmo balançando, eram seguras mesmo boiando. Pela primeira vez, senti que nossos passos deixavam marca — não na terra, mas na vida.

Se no seringal as ruas invisíveis nos engoliam, ali as ruas de madeira nos devolviam. Nos davam direção, pertencimento. A cidade flutuava, mas nossa esperança, enfim, se firmava. E foi assim, seguindo aquelas ruas sobre o rio, que encontrei um lugar onde meus filhos podiam crescer sem medo, onde Zulmira podia respirar, onde eu podia sonhar sem me perder da esperança. Um lugar onde as ruas, mesmo flutuantes, nos levavam adiante.

Conto publicado originalmente no livro "Sol abrasador prepara solo fértil"



“No seringal, até o silêncio era inimigo. Dói no ouvido, dói no peito.”

FICÇÃO

Caminho de ida

Ana Gábri

Ou Ana Gabriella Aires é artista-pesquisadore. Está doutorande no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA) na linha de Teorias e Representações Literárias e Culturais.



Caminho
(Mentira, estou na garupa
de uma moto)

OUMSJV
NPQ1994
QQQ9G57
RPO9B00
OZS9830
RZC2H52
PKG9421
PLB7D32
QTV9C50
NZE9113
NZB4426
QOU4I64
RDNOB70
SJT8A79
SKK8I36
PLH5388
NTF8051
RCW4C39
PLU9H41
RPP5F26
QQUE607
PUY5F81
RDG2B12

OZN4D61
PKS3142
PLW9J78
PZA0894
TBV5F36
OZL6775
PKO8949
OLD5725
RPVB83
RFO3E53
JPF9898
RPF7G19
RDA1C11
OQD4553
O motoqueiro acha que
sou louca?
SWJ5E61
PKE5800
PKL8446
FTY6347
RCW7D52
PJT3F30
QTX6J31
OVD4F99
THC7150
SKD8H17
MTK1017

RDJ6J13
PJW9497
SDYOD93
PJQG74
PJP9695
OZU5G22
SKDE07
GKE4F59
PKU5365
PLW8A29
PLG7C20
Você nem tem carro
RCV8A05
QXG1H88
CXO4H45
Não sei onde mais te
procurar
Então imagino de tudo
OVC9D20
QXG1H88
PKD9201
PJP1G60
PLW1A10
SKN3J53
JQB2699
TCU1J62
Tu dentro de algum carro
desses
PKG9986

Sei lá
PLJ3A13

Quando vou realizar?
Tantas vezes esse
percurso
Pra nunca mais te
encontrar



POESIA

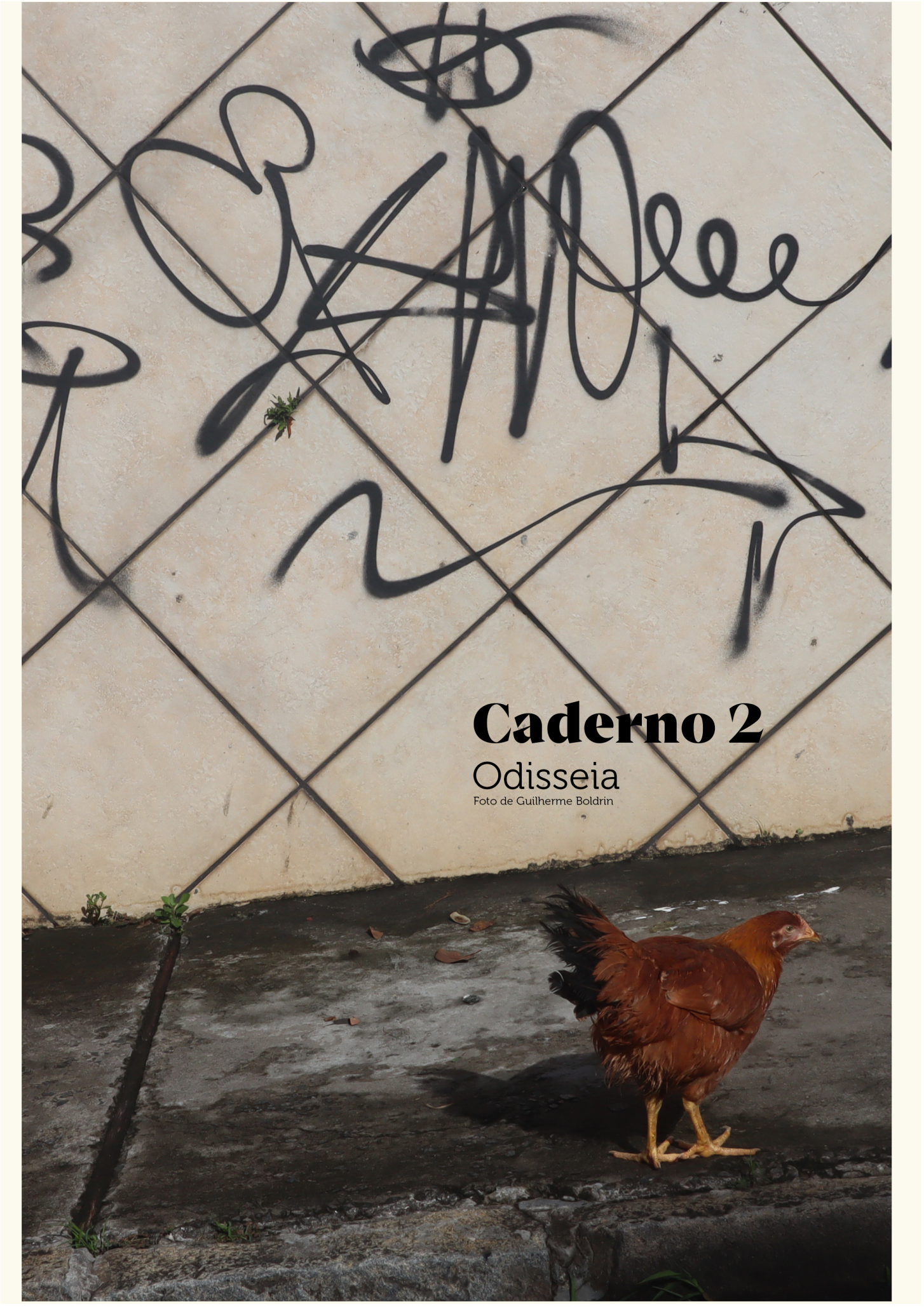
chega de poemas sobre o teu nome
e os supostos Problemas
da Língua em torno dele
que eu escreva
os teus cotovelos
teus calos nos pés
e teu punho direito
dentro de mim

Lucas Litrento. Da série “Tapera”



Lucas Litrento é escritor e cineasta. Publicou os livros de poesia “Os meninos iam pretos porque iam” (Iogram, 2019) e “Pretovírgula” (Círculo de Poemas, 2023). “T”XOW”, seu primeiro livro de contos, foi semifinalista do Prêmio Oceanos de Literatura (2021). Lançou os curtas-metragens “círculos” (2020), “Samuel foi trabalhar” (2024) e “Ajude os menor” (2025).





Caderno 2

Odisseia
Foto de Guilherme Boldrin

CRÍTICA

A arte de narrar

Crítica de 'Concatenação', de Diogo Santiago.

Ewerton Ulysses Cardoso

Editor-fundador da revista O Odisseu, designer e pesquisador em literatura.



Minha dedicação ao estudo à literatura contemporânea tem me ajudado a reconhecer algumas tendências narrativas. A presença de uma primeira pessoa marcada por uma posição firme em relação a princípios políticos, uma narração que prioriza a escrita de si como uma forma de falar do mundo e a centralização em um personagem (enquanto os outros são desenvolvidos pela metade) são algumas das características que já consigo notar. Isso não quer dizer, entretanto, que isso seja algo ruim ou bom. Acredito que há maneiras de fazer essa narrativa funcionar, mas que muita gente não sabe fazê-la. Diogo Santiago, autor de "Concatenação", entretanto, afasta-se dessas características. Fica perceptível em sua obra que sua formação narrativa está mais próxima dos grandes narradores do século XX que das tendências contemporâneas.

Bom, isso por si só não significa que a obra é boa ou ruim. Vamos analisar.

"Concatenação" é formado por dois "lados", como

um disco LP. No lado A, temos a vida de Adamastor narrada a partir de outro personagem que o espera fora da prisão. Esse personagem tão singular é descrito em miudezas, desde suas inquietações infantis, sua história junto à sua mãe e o pai (ausente) até a vida na prisão junto aos seus colegas. Surpreende como Santiago constrói uma prosa rítmica que, mesmo sendo formada por parágrafos enormes, não cansa. Como os narradores de Dostoiévski, esse narrador de Santiago costura reflexões ensaísticas ao desencadear de fatos sem se prender tanto a uma linha temporal. Pode parecer confuso, mas eu não sou contra a confusão na leitura.

Surpreende também a volta de um narrador que tem uma personalidade única. Ao escolher outro que observa para narrar a vida de Adamastor, Santiago escolhe contar a história como quem observa pela janela. O narrador o conhece muito bem, mas ainda assim, o deslocamento é propício para construir esse personagem sem um juízo de valor explícito. Defeitos e contradições de Adamastor são elencados e o leitor não é convocado para tomar um partido.

Se no Lado A, existe um afastamento por esse narrador que não é bem o nosso personagem principal, no Lado B, Santiago se aproxima ao narrar, em primeira pessoa, a história de uma personagem feminina em primeira pessoa. É uma mudança brusca na dinâmica narrativa do livro. Se antes era a história do outro, agora é a minha história. E o que isso muda? Tudo. A começar pelo crédito que escolhemos dar ou não dar a essa narração.

Nessa segunda narrativa, um arco que se desenvolve no entorno do conhecimento e descoberta afetiva entre dois jovens, a narradora e Toquinho, a crítica social se torna ainda mais explícita. Toquinho é um jovem que vem de uma família tradicional e com condições, enquanto a narradora se desenvolveu em um ambiente familiar atravessado pela precariedade. O modo como Santiago escolhe narrar essa história é muito inteligente. Sem recorrer a um maniqueísmo, a escolha é de mostrar como essa distância não pode ser ignorada mesmo quando não há afeto. As pequenas violências, a impossibilidade do sonho e o olhar dos outros sobre si sempre serão questões para qualquer pessoa de classe popular que se aproxima de certa elite.

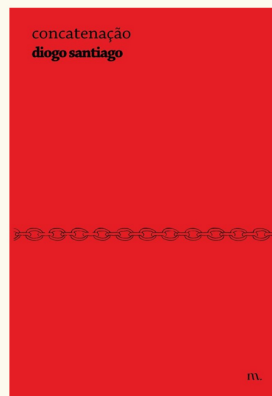
O que me interessa dizer é que Santiago desenvolve isso no subtexto. Ou seja, na superfície estamos assistindo o desenrolar de uma história afetiva e é só nas entrelinhas que essa crítica pode ser percebida. Isso foge à demagogia presente nas obras literárias contemporâneas e mostra como é possível trabalhar

CRÍTICA

literariamente temas como exclusão, pobreza e desigualdade social.

Aliás, é essa crítica social ferrenha que “concatena” as duas narrativas deste romance. Trata-se de uma obra que mergulha no subjetivo de personagens para mapear e registrar as feridas abertas por uma estrutura social adoecedora. Um excelente livro.

Concatenação, de
Diogo Santiago
Editora Minimalismos,
2025
158 pp.



ENTREVISTA

Um *Bildungsroman* para chamar de nosso

Entrevista com Vítor Kappel

Ewerton Ulysses Cardoso

Editor-fundador da revista O Odisseu, designer e pesquisador em literatura.



Você, assim como eu, já deve ter lido alguns romances de formação ao longo da vida. Este texto que acompanha o personagem no momento-chave de virada da infância para a vida adulta e que mostra as dores e as delícias de crescer. Mas quantos desses romances foram brasileiros? “Sob o céu de Isaías”, de Vítor Kappel não deixa a desejar em nada dos irmãos estrangeiros de gênero. A narrativa deliciosa em terceira pessoa conta a história de Isaías, um jovem numa cidade do interior que está passando pelos mesmos dilemas que todo adolescente passa, mas que, ainda assim, continua sendo uma grande novidade para quem vive. O livro traz o frescor de um autor estreante e fica explícito que o escritor se divertiu à beça enquanto escrevia o livro. Na entrevista que você confere agora, Vítor conta um pouquinho do seu processo de escrita.

ENTREVISTA:

Ewerton: Gostaria de começar por um dado que me chama a atenção, que é o fato de você ser engenheiro de formação. Como a literatura chega na vida dessa pessoa “de exatas” a ponto de conseguir, tão bem, fazer referências de outros clássicos da literatura mundial na sua obra?

Vítor: Sob o Céu de Isaías talvez seja uma tentativa de organizar o caos que acredito que a mente de qualquer escritor tem, o que não deixa de ser de certa forma, ironicamente, um trabalho de engenharia. O fato é que sempre tive paixão pela literatura e cinema, desde



pequeno, embora eu os tenha deixado um pouco de lado – ainda que não totalmente – por um período de estudo intenso da minha vida. Mas no fundo, acho que a arte e a

ENTREVISTA

engenharia derivam da mesma centelha: a necessidade de imaginar e materializar ideias. É um casamento improvável, mas divertido: equações que terminam em metáforas. Mas talvez o maior afastamento seja em relação ao mundo corporativo. Eu sentia falta de um espaço onde a lógica cedesse lugar à invenção. Oscar Wilde dizia que 'toda arte é absolutamente inútil', e essa inutilidade é, a meu ver, a sua maior força: escrever me deu a liberdade de criar sem precisar provar eficiência nenhuma.

Ewerton: A propósito, Isaías, personagem que dá título ao livro, também gostaria de ser engenheiro a certa altura. Seria o personagem uma inspiração em você mesmo?

Vítor: Se eu dissesse que Isaías não tem nada de mim, estaria mentindo um pouquinho. Mas também não consigo dizer que sou eu no papel. Ele está mais para um reflexo de espelho de parque de diversões: uma imagem comicamente distorcida. E mais trágica também. A verdade é que Isaías é muito mais esperto e interessante — a vida real tem menos graça. Eu não fui colocado tanto à prova quanto ele.

Ewerton: O romance é um gênero literário super desafiador, tanto que tem sido cada vez menos escolhido para uma obra de estreia. Você, por outro lado, não apenas estreia em um romance, mas com um romance super detalhado, um calhamaço! Como se deu essa escolha?

Vítor: Risos. De fato, um romance mais extenso (embora não chegue a 300 páginas) acaba sendo hoje em dia uma provocação. Provocação sobretudo ao modo automático em que vivemos. Escutei algo sobre isso que considero verdade. Ele nos devolve algo que a pressa rouba — profundidade. O romance permite aprofundar conexões e contradições, e com isso explorar algo que para mim é ponto chave na literatura: empatia. Mas o fato é que foi algo, nesse caso, mais espontâneo, talvez uma extensão do gosto que desenvolvi pela literatura, dos tempos ainda analógicos, quando tínhamos o prazer de mergulhar num universo único e diferente do nosso, sem que um celular apitasse no nosso bolso.

Ewerton: A voz narrativa do livro é um verdadeiro deleite. Com um senso de humor maravilhoso, sabe dosar entre referências do mundo POP ao erudito e também consegue sensibilizar nos momentos certos. Como você desenvolveu essa voz?

Vítor: Obrigado pelas palavras, fico feliz que tenha tido essa percepção já que a voz foi fruto de muita ponderação e testes. Além disso, entendo que uma voz única é um ponto especial na literatura, ela forma quase que um pacto tácito com o leitor, ela não é só técnica, ela é uma experiência. Nesse sentido, eu buscava por uma narrativa que misturasse humor, dor, descobertas e delicadeza. Confesso que encontrar esse ponto de equilíbrio sem perder o foco emocional da história não foi tão trivial. Sempre tive em mente o desejo de não carregar em tintas melodramáticas, optando por uma comicidade melancólica. Creio no humor como uma via exploratória importante da

“Creio no humor como uma via exploratória importante da fragilidade humana”

- Vítor Kappel

fragilidade humana garantindo empatia e beleza ao desarmar resistências em temas mais complexos. Não por acaso também a junção de referências pop com o erudito. As referências fazem sentido para expressar uma fase de pura absorção, de criação de identidade em que vamos escolhendo o que queremos que faça parte da gente. Tudo isso compõe, então, a matéria bruta de formação do protagonista, constituída justamente desse atrito: o convívio entre o imediato e o permanente, entre o acessível e o mais oculto. De certo modo, esse encontro é a própria paisagem interna de Isaías.

No fundo, penso que essa voz foi o maior desafio ao escrever a obra pois eu queria ser consistente com o tom desejado, mantendo-o ainda singelo, isso porque uma narração um tanto irônica e afetiva é uma difícil combinação, mas que serve para retratar um pouco esse ritual de passagem estranho - a adolescência.

Ewerton: Isaías é um personagem especial. Lendo sobre esse adolescente em fase de descoberta, foi impossível não mergulhar nas minhas próprias lembranças. Fiquei tentando lembrar quais outros livros na literatura contemporânea resolveram dar destaque a essa fase específica da vida que é a adolescência, mesmo sendo uma fase super importante. Por que escrever sobre a adolescência?

Vítor: Desde "O Apanhador no Campo de Centeio" de J.D. Salinger, até filmes como "Lady Bird", de Greta Gerwig, vemos como a busca por independência é complexa, ora mostrando como o processo de se descobrir é profundamente tragicômico na medida em que exige também se questionar — sem muita garantia de que gostaremos das respostas. A adolescência é isso. Tem muita coisa incrível sendo feita na literatura contemporânea brasileira sobre essa fase, sobretudo YA, mas eu quis um olhar também mais adulto para essa passagem da vida, já que no fundo no fundo ainda acho que estamos todos em formação. O fim oficial da adolescência só serve para acharmos que podemos tirar a carteira de motorista. Nesse sentido, o céu presente no título traz algo simbólico e narrativo (os drones que o ferem ajudam!) porque ele carrega alguns mistérios, ele nunca é o mesmo por muito tempo, mas sempre é o céu. A sua essência está lá, mesmo transmitindo a luz solar, ou operando por raios. Funciona, portanto, com um espelhamento da trajetória de um adolescente, sobretudo

ENTREVISTA

desse em peculiar. As mudanças de luz, cores, e nuvens simbolizam as possibilidades de transformação e recomeço a cada novo instante.

Ewerton: O romance “Sob o céu de Isaías” traz muito forte a influência do Bildungsroman, ou “romance de formação”, gênero clássico da literatura mundial. Foi proposital? Houve um estudo desse formato para escrever o livro?

Vítor: É curioso que em determinado momento do livro há um trecho que fala mais explicitamente sobre a fase da adolescência, esse cruzamento de muitas coisas, esse hibridismo caro, esse bolo de raiva, euforia, medo, pavor, ansiedade, irritação, paixão, estranhamento, horror, alegria, excitação, tristeza, excitação ao quadrado, nostalgia da infância etc. Tem algo no romance de formação que nos permite mergulhar nessa confusão toda com coração aberto. Isaías não foge da regra, mas por alguma razão, ele consegue ser um ímã para confusões maiores e que, portanto, funcionam para desafiá-lo ainda mais, seja no conflito com figuras de autoridade, seja na necessidade e busca de pertencimento.

Não por acaso, temos clássicos como Capitães de Areia, um livro que me marcou muito na adolescência, que foca o olhar num grupo de adolescentes abandonados, vivendo aventuras e enfrentando a vida. Transportar um frescor à abordagem do tema central de emancipação e identidade, garantindo um olhar existencial, mas ainda assim oferecendo uma fluidez narrativa era algo prioritário a cada capítulo que eu escrevia. Tenho visto, por exemplo, muita coisa experimental e incrivelmente bem feita em torno do desenvolvimento de fluxos de pensamentos e fragmentação na literatura contemporânea, mas tenho sentido falta também um pouco de construção de personagens, em estrutura mais clássica, com os quais possamos seguir construindo uma identidade nacional, por meio de complexidades simbólicas. É lindo ver personagens passando de geração para geração. De Capitu a Policarpo Quaresma, de Brás Cubas a Tietê. E tantos outros. Em termos de preparo, portanto, para o livro, por exemplo, percebi que o fluxo de pensamento é poderoso, mas ele é, em geral, mais estado do que trajetória. Considerando que um romance de formação é mais uma trajetória, creio que esse foi o melhor jeito que encontrei (dadas as minhas limitações) para unir forma e conteúdo. Torço que ainda haja espaço na literatura de hoje para personagens e arcos dramáticos como o de Isaías.

Ewerton: Como eu já havia mencionado, Isaías é um personagem que transita entre a sensibilidade e a força para superar o que for preciso pela verdade de si. Conta um pouco como foi desenvolver esse personagem.

Vítor: Isaías carrega uma pureza e bondade raras hoje em dia, enquanto aprende a se posicionar, enfrentar os próprios demônios, a disfuncionalidade comportamental dos pais e a sua própria cidade. Ao longo dos seus dilemas sobre sexualidade, esse herói contemporâneo encara o resumo de um país recheado de mazelas e preconceitos, de modo que há um paralelismo poderoso em seu ritual de passagem para a fase adulta (em um país nada maduro), ao ter que enfrentar tudo isso com certa graça e tenacidade.

Vale a pena comentar então aqui parte da sua necessidade de superação: a escolha narrativa por uma rede criminosa. A existência da rede atravessa diretamente a vida de Isaías e funciona também como uma metáfora maior sobre sua própria prisão: suas amarras mentais, emocionais e até mesmo físicas. Como ele a enfrenta é o ponto central sobre o processo de amadurecimento, e isso passa por certa inventividade, resiliência e coragem.

Ewerton: Você toca em tópicos muito especiais na obra, como a descoberta do desejo sexual, a pressão quanto ao futuro, o desejo de ser amado, questões que formam nossa identidade nesse período da adolescência, mas também temas que já foram amplamente explorados na literatura mundial. Por que te interessou ainda falar sobre esses aspectos?

Vítor: Excelente pergunta. Preciso destacar aqui dois pontos principais. Primeiro, eu queria compor uma obra com esse tema universal, mas com uma pintura brasileira. Acho que toda obra que contribui em algum grau com nosso quebra-cabeças como país merece um ponto de atenção. Esse jovem sonha em fugir – literalmente – da pequena cidade que o aprisiona, mas antes, precisa enfrentar perigos muito maiores do que provas ou mesmo o ENEM: uma rede criminosa, dilemas internos e a descoberta do amor. A escolha narrativa por uma rede criminosa, por exemplo, foi criada a favor da movimentação da trama, mas também para garantir um frescor na abordagem do tema central de emancipação e identidade à luz dos nossos dogmas e conflitos. São muitos os pontos de constrição (do conservadorismo hipócrita, muitas vezes com base religiosa) em torno da série de experiências vividas por Isaías, que cismam em oprimi-lo. O livro aborda, então, um puritanismo que assola o país atualmente e que se manifesta impondo códigos de conduta em nome de valores “tradicionais”. Esse modelo se infiltra no discurso público, na educação, política, e na cultura, provocando estigmatização e culpa. Calibrar esses elementos, como eu disse anteriormente, não foi fácil uma vez que eu não queria pesar a mão na narrativa, de modo que alguns componentes ficam no subtexto e no pano de fundo, resultando na sensação de uma luta de Davi versus Golias, sendo Golias um sistema maior, tupiniquim, muitas vezes ardiloso e oculto.

Segundo ponto. O amor é um dos temas mais universais da literatura, abordado de diversas formas ao longo da História, mas que, na minha opinião, vem sendo trocado, com o perdão do trocadilho, por outros, talvez até por conta dos tempos sombrios que vivemos e do próprio cinismo que nos rodeia. De certa forma, buscar uma dimensão desse tema é uma tentativa de ir na contramão hoje em dia, e isso trouxe alguns desafios. Achar alguma brecha de originalidade na dinâmica entre Isaías e Bernardo foi um. O outro foi entender que a descoberta do amor por parte de Isaías envolve Bernardo, mas envolve também a busca por amor-próprio. Nesse sentido, Bernardo funciona como um gatilho calibrado, ora sensível e emocional, ora vulgar e físico, capaz de injetar em Isaías o desejo sóbrio, em meio à loucura dos sentimentos, de agir diferente. Em função da bolha em que vive, Isaías no fundo no fundo tem uma dificuldade central, que é lidar com a sexualidade, e de certo modo

Caderno 2

ENTREVISTA

e de certo modo isso ecoa inúmeras vozes que simplesmente AINDA são apagadas por um motivo inaceitável: amar.

Ewerton: Para terminar, o que a gente pode esperar de Vitor Kappel após escrever "Sob o céu de Isaías"? Vem algo novo aí?

Vitor: Estou escrevendo o segundo. É bem diferente em tom e caminha mais para um thriller psicológico. Sobre Isaías, ainda estou matutando. Vamos ver o quanto ele se libertou, inclusive de mim. Risos.

Sob o céu de Isaías,
de Vitor Kappel
Editora Patuá, 2025



Entre maternidade, luto e superação:

Quatro Letras

Emocione-se com este livro de Flávia Camargo que já tocou diversos corações! Acesse o QR Code e saiba mais!



CRÍTICA

Volteios ancestrais que pediram nomes

Crítica de "Os meus mortos pedem nomes", de Fabiane Albuquerque.



Douglas Sacramento é doutorando em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro/UFBA) e bolsista CAPES. Mestre em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA).



I

Fabiane Albuquerque, em *Os meus mortos pedem nomes* (Hecatombe, 2025), inicia sua obra retomando a narrativa de Sherazade, personagem d'*As mil e uma noites*, na qual a protagonista adia a própria morte, noite após noite, ganhando a possibilidade de

CRÍTICA

de viver mais um dia ao manter o desfecho de suas histórias em aberto diante de seu carrasco. Trata-se de uma narrativa situada no limiar entre vida e morte, uma estratégia de sobrevivência. A autora, portanto, chega a uma conclusão interessante: a narrativa está a serviço da compreensão da vida e, ao mesmo tempo, como meio de denúncia das mortes e dos mortos que atravessam a sociedade. A escrita é pensada como catalisadora de denúncias desses casos de violência que acometem determinados grupos sociais.

Assim, o livro, um ensaio com tonalidade acadêmica, tem como nó górdio a costura entre diferentes experiências da autora: sua vivência como mulher negra e periférica, oriunda do sertão mineiro; sua ida para São Paulo; sua passagem por um convento; e, posteriormente, sua formação como cientista social, com experiência de pesquisa fora do país – como na França e na Itália. Ao longo da narrativa, Fabiane Albuquerque mostra ao leitor como sua vida é constantemente atravessada pela morte. Logo, a autora não descostura do tecido narrativo os familiares, os antepassados (próximos e distantes), os sujeitos negros que a cercam e, sobretudo, os sujeitos negros e negras que morrem todos os dias nas favelas.

Ao narrar sobre si mesma, não tem como não abordar a morte física e a morte simbólica daqueles que estão ao seu redor, temas caríssimos para mim, uma vez que pesquisei as representações da morte.

II

Existe uma narrativa de terreiro, na qual Iansã, casada com Ogum, participa de uma festa dedicada aos antepassados da comunidade, denominados, no candomblé, Egunguns. A narrativa descreve a alegria da comunidade em rever os ancestrais, em um momento marcado pela festa e pela celebração. Enquanto Ogum trabalhava manejando o ferro, Iansã manjava o fole, do qual se emitia um “som alto e rítmico” (Prandi, 2001, p. 310), o que levou os antepassados a dançarem em frente à Oficina de Ogum.

[...] O povo se reuniu em volta dos ancestrais e os louvou. Os egunguns dançavam ao som do fole de Oiá. O povo então a chamou de “Mulher que Domina o Egungun com o Som do Fole”. (Prandi, 2001, p. 310)

III

Ao refletirmos sobre a narrativa de Iansã, vejo que é possível compreendê-la como uma resignificação da figura daquele sujeito que morre. Ao abordar como Iansã coloca os antepassados para dançar, as religiões de matriz africana inserem esses ancestrais num outro patamar de existência – não aquele associado ao sofrimento do inferno ou purgatório –, mas que mantém uma relação com os entes vivos, sendo cultuados por aqueles que permanecem neste plano fazendo a manutenção de sua lembrança. Não deixando que os mortos caiam no esquecimento.

Esse empreendimento de não permitir que os mortos morram uma segunda vez, por meio de uma morte simbólica arquitetada pelo Estado, que se manifesta no esquecimento, encontra eco na escrita de

“Se os mortos pedem nomes, Albuquerque se mostra atenta a escutá-los.”

- Douglas Sacramento

Sobre “Os meus mortos pedem nomes”, de Fabiane Albuquerque.

de Fabiane Albuquerque. Ao escrever *Os meus mortos pedem nomes*, a autora produz a “música” para que esses ancestrais sejam festejados e lembrados. Se os mortos pedem nomes, Albuquerque se mostra atenta a escutá-los. Entretanto, as histórias narradas não são felizes. Existe uma realidade crua, com marcas de denúncias e violências que atingem os nossos, exigindo que o cenário seja bordado do jeito que ele é: “[...] estou aqui a dar palavras ao que os meus mortos viverem” (Albuquerque, 2025, p. 188).

IV

O livro apresenta, então, uma estrutura interessante, ao mesclar a vida da autora com relatos e narrativas que abordam como a morte está atravessada em seu corpo, mas que não para nesta instância individual. Compreendendo que ser uma mulher negra no Brasil significa carregar séculos de histórias apagadas e silenciadas, o corpo da autora carrega outros corpos que não estão no plano do visível. Assim, no capítulo “Dos meus dois sertões”, Albuquerque inicia sua narrativa revisitando a vida de seus familiares no sertão mineiro, a relação com a mãe, Maria Alice (que morreu jovem, por conta de um câncer, e deixou quatro filhos), bem como as avós e bisavós paternos e maternos, marcadas pelo trabalho escravizado e, posteriormente, pelo trabalho doméstico a serviço de famílias brancas.

Essa discussão deságua, ao final da obra, no capítulo “Pós-memória: vida na morte”, no estudo de dois casos familiares, nos quais violências sexuais e de gênero cometidas por homens da família vem à tona, a partir das histórias de vida da avó Lourdes e da tia Lourdes. Mulheres que compartilham o mesmo nome e que foram marcadas por mortes simbólicas durante toda a vida, ambas foram violentadas e inferiorizadas por serem mulheres negras, gerando a reprodução de discursos violentos sustentados pelas categorias de gênero, raça e classe. Violências que também repercutem na experiência da autora.

[...] A morte sempre rondou as memórias e as histórias da minha família, de forma a insinuar-se a qualquer momento, fosse num choro reprimido, nas lágrimas jamais derramadas quando deveriam ou no silêncio com relação aos algozes. A morte era o ponto nevrálgico do sertão mineiro, onde passei parte da infância. Acontece

CRÍTICA

uma coisa é conviver com a morte, carregá-la na memória e nada vida, outra é poder dar nomes aos defuntos.

V

A imagem do sertão, atravessada por violências e mortes, é esgarçada, sendo alinhavada às mortes que ocorrem nas grandes cidades, especialmente nas periferias e favelas, por conta da ação policial, as quais são explanadas e rememoradas pela autora. Para mim, o capítulo “Das nossas formas de morrer” é o ponto alto da obra, pois, embora o sertão apareça inicialmente como um espaço muito delimitado, no decorrer do livro percebemos que ele é a ponta de um iceberg. As discussões sobre esquecimento, memória, morte e sobre o valor (ou a negação) do direito ao luto dos corpos negros na sociedade extrapolam esse território. O que se representa no sertão ecoa em todo o Brasil.

Aqui, somos convocados a escutar os nomes de outros mortos, como os assassinados na Chacina do Jacarezinho, em São Paulo, os mortos arriados em pontos de desova ou velados nas ruas. Todos são abordados nas linhas do ensaio:

[...] Alguns periféricos, com a memória de que os mortos precisam ter o direito a uma sepultura, jogam por cima um pano pra lhes cobrir o rosto e lhes dar um último gesto de dignidade. Há, no Brasil, lugares para desovar corpos, valas clandestinas de desaparecidos, ou até mesmo a tática de deixar os corpos mortos expostos para intimidar moradores. [...] A morte, quando não é velada, zelada, cuidada e respeitada, mas profanada, nos paralisa. Traumatizar crianças é política pública no Brasil para gerar adultos resignados. (p.84).

VI

Nos capítulos “Sobre a dor que não pode ser sentida”, “Do absurdo brasileiro” e “Apagamento da memória: morte em vida”, o livro aprofunda questões importantes para entendermos a dinâmica do “deixar viver e deixar morrer” que acomete a sociedade brasileira. Albuquerque demonstra como essa dança macabra e genocida vem do processo de colonização, de escravização e de teorias eugenistas do século XIX, que construíram os sujeitos negros como símbolos da degradação social. Discursos que permanecem operantes até hoje e estruturam como determinadas vidas são expostas à morte.

Diante disso, Albuquerque reivindica a necessidade da rememoração como prática política para dar nomes aos mortos, o que implica reconhecer que a morte não é apenas o fim do corpo, mas que existem nuances da morte ocorrendo em vida, quando determinados sujeitos já são vistos/considerados como corpos mortos. As portas fechadas, a impossibilidade de crescimento e de mudança de cenário produzem corpos descartáveis, alvos fáceis de uma violência institucionalizada.

Precisamos de ações coletivas na busca pelos nossos mortos. Temos que nos reconhecê-los, nomeá-los, lavá-los e oferecer-lhes um funeral decente, um lugar na memória nacional. (p. 194)

Para além do lugar da rememoração dos nomes, essa parte da obra apresenta reflexões teóricas e estudos de caso que mostram como sujeitos negros foram impossibilitados de galgar determinados caminhos por conta do racismo estrutural. As portas fechadas para os nossos são uma constante histórica, e, quando recebemos ajuda de sujeitos brancos, as narrativas revelam que a moeda de troca é paga com exploração. É nesse contexto que emerge o ressentimento – tema abordado no capítulo “Ode ao ressentimento” –, embora a dicção ressentida atravessasse toda a obra. Há, ao longo do livro, uma vontade de gritar, de reivindicar justiça e de expor esse cenário ao leitor.

Falar dos mortos e citar seus nomes associa-se, portanto, ao gesto de uma mulher negra que está escrevendo movida pelo desejo e pela urgência de mudanças, pela recusa do esquecimento e pela possibilidade de que a morte seja ressignificada, mas, compreendendo-a também como festa, como celebração da memória e da ancestralidade.

Aos que convivem com os cadáveres, lamento, mas eu não posso esquecer. Enquanto eles continuarem nos matando, continuarei lembrando. Os meus mortos pedem nomes. (p. 232).



Os meus mortos pedem nome,

Fabiane
Albuquerque
Hecatombe
(Urutau), 2025
238 pp.



R\$ 320 arrecadação estimada por mês



Meta: R\$ 500 por mês (64% alcançada)

Conheça a nossa campanha de financiamento coletivo e contribua com valores a partir de R\$ 5 para democratizar a literatura.

Agradecemos aos apoiadores e contribuidores: Patrícia Honório de Freitas, Rogério dos Santos Bueno Marques, Marcia Bolner, Ana Vieira, DENISSON PADILHA FILHO, Heloísa Prata e Prazeres, João Paulo Couto Santos, Arthus de Vasconcellos Mehanna, Rosângela Rodrigues, Juliana Oliveira Lesquives, Gabriela Carneiro Maciel, Aristóteles de Paula Berino, Luiz Felipe, Luciana Konradt Pereira, Jhanade Layany Moreira Sobrinho, Vinícius Cardona, Aline Félix.

EXPEDIENTE

Conselho Editorial:



Aloísio Romanelli



Carol Antunes



Kaio Veloso



Ewerton Ulysses Cardoso

Revisão:



Miguel Lessa

Maicon Aquino